196

RELAÇÃO DAS FORTALEZAS DA INDIA ORIENTAL

NG

Composto e Impresso na CASA PROGRESSO—L. da Sé, 68 a 72—LISBOA

BIBLIOTECA NACIONAL

RELAÇÃO DAS PLANTAS, & DEZCRIPSÕES DE TODAS AS FORTALEZAS, CIDADES, E POVOAÇÕES QUE OS PORTUGUEZES TEM NO ESTADO DA INDIA ORIENTAL

BIBLIOTECA NACIONAL
DE LISBOA

LISBOA
ANO DE MCMXXXVI

INTRODUÇÃO

O códice anónimo que a seguir se imprime pertenceu ao Dr. António Ribeiro dos Santos e conserva-se no Fundo Geral de Manuscritos da Biblioteca Nacional, onde tem o n.º 29. É um volume in-4.º, 0,m222 × 0,m163, cartonado, escrito em letra do século XVIII e composto de 63 folhas. Trata-se evidentemente de um apógrafo tirado de original desconhecido, cujo provável autor e data aproximada muito interessaria determinar. Neste problema vamos entrar, passando depois ao da importância que a obra possui para o estudo da organização defensiva do Império português do Oriente, na transição do primeiro para o segundo quartel do século XVII.

A) — *Autor e data da obra.* — Sôbre o autor, duas hipóteses ocorrem: uma, a de sua identificação com o cronista António Bocarro, guarda-mor da Tôrre do Tombo da India; outra, a de se tratar de Pedro Barreto de Rèsende, secretário do Vice-Rei Conde de Linhares.

Quanto à primeira, funda-se ela no facto de haver António Bocarro escrito um *Livro das plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoaçoens do Estado da India Oriental com as descripçoens da altura em que estaõ, e de tudo que ha nellas, Artilharia, Presidio, gente de Armas, e Vassalos, rendimento, e despezas, fundos, e baxos das Barras, Reys da terra dentro, o poder que tem, e a paz, e guerra, que guardão, e tudo que está debaxo da Coroa de Espanha. Dedicado á Serenissima Magestade del Rey Filippe o IV das Espanhas, e III de Portugal Rey, e Senhor, nosso.*

Barbosa Machado menciona a existência de um exemplar desta obra na livraria do Duque de Cadaval, acrescentando que êle era *escrito em papel grande, e com as plantas de cincoenta, e duas Fortalezas primorosamente iluminadas (Bibliotheca Lusitana,* 1741, tômo I, pág. 222). O mesmo autor reproduz a epístola-dedicatória ao rei, que a seguir transcrevemos: *O Conde de Linhares Vicerey me encarregou a dar comprimento a huma Carta de V. Magestade porque lhe ordena mande a V. Magestade estas plantas de todas as Fortalezas que hà neste Estado com as descripçoens particulares de tudo o que nellas há, que deva saber-se para se ter noticia de todas as couzas que convenha obrar em seu melhoramento, e posto, que para fazer esta obra com perfeiçaõ conveniente era necessario correr muy particularmente cada huma das Fortalezas, Cidades, e Povoaçoens para ver, e considerar todas as ditas cousas, com que tudo como naõ foy possivel a respeito de estar nesta Cidade com a ocupaçaõ da Torre do Tombo, e ter juntamente a cargo escrever as Chronicas dos sucessos deste Estado, e V. Magestade apertar porque se lhe mande tudo o referido procurey por informaçoens o que neste volume por duas vias offereço, e mando a V. Magestade afirmando, que grande trabalho que me custou, naõ foi ainda bastante para o fazer na forma, que o intentey, e dezejava com as plantas arrumadas, e demarcadas, e compassadas por petipé, o que nunca foy possivel pela grande falta, que hà neste Estado de Pessoas Scientes nas ditas Artes, mòrmente sendo as Fortalezas em tanta copia, e assim para a refeiçaõ disto procurey pòr tudo na discripçaõ, como vay, a qual he que se deve dar inteiro credito naõ se buscando na Planta das Fortalezas, e Cidades mais que a forma, e figura dellas, porque as proporções das medidas para serem todas uniformes em algumas, se acharaõ em outras naõ tanto ao certo, nem tambem se ha de atentar ao numero da Artelharia que està pintada na planta, se naõ a que diz a letra. Aqui se representa a V. Magestade tudo o de que he Senhor neste Estado da India Oriental por mayor, e por menor, a forma por que se sustenta, e o effeito para que se sirvaõ todas as Fortalezas, e Cidades delle, os presidios, Artelharia, e Gente de Armas com que estaõ providos, moradores, e Vassalos que as habitaõ, rendimento que tem, e a despeza que fazem, donde lhe vem o que lhes falta, e para onde vay, o que lhe sobeja, e das barras, e fundos que tem, e os baixos, e as correntes das aguas, monçoens dos ventos, e viagens, que se fazem, as Christandades, que hà em cada huma das Fortalezas, os Reys das terras em que estaõ, o poder que tem, as armas de que uzaõ, a paz, e guerra que guardaõ com este Estado, as cousas, que lhe entraõ, e saem por via do Cõmercio, e a cõmunicaçaõ que tem com as Naçoens Estrangeiras, e posto que V. Magestade manda que tambem se lhe apontem os meyos porque se possa evitar, ordenou-me o Conde Vice-Rey que dicesse que como isto naõ era de minha profissaõ o naõ punha, o que tudo vay com a mayor particularidade, que se pode alcançar ainda mais difusamente de que V. Magestada ordena, e manda, porque vaõ cotejadas todas as receitas, despezas deste Estado, e no enserramento da discripçaõ de Goa se faz mençaõ de tudo o que lhe sobeja, e falta para acudir ds ditas Fortalezas com o que haõ de mister, ou o que lhe vem de cada qual, que como he cabeça deste Estado a ella vem buscar o remedio de suas necessidades, e as ordens, e Regimento do seu governo. E no fim do livro vay huma Relaçaõ particular de todos os Conventos dos Religiosos, que há por todo este Estado com numero de cada qual, e os Christãos em que se occupaõ, que me pareceo muy conveniente ao fim desta obra o que tudo deve V. Magestade receber como dezeja hum Vassalo que obra com todas as forças quanto pode, e alcança por servir bem a V. Magestade cuja Catholica Real Pessoa guarde Deos como há mister a Christandade. Goa 17. de Fevereiro de 1635. Antonio Bocarro.*

Conforme se vê, não consta daqui o ano exacto em que Bocarro iniciou seu trabalho. Sabemos, porém, ter-lhe sido êste cometido pelo Conde de Linhares. Ora o Conde foi nomeado Vice-Rei a 17 de Fevereiro de 1629 (Tôrre do Tombo, *Chancelaria de Filipe III*, liv. 22, fl. 164 e seguintes) e passou em Moçambique, de viagem para a India, em Setembro do mesmo ano (Pedro Barreto de Rèsende, *Descripções das Fortalezas da India Oriental*, manuscrito da Biblioteca Nacional, Ilum., n.º 140, fl. 21). Logo, podemos desde já afirmar que o intervalo de indeterminação cronológica para o autógrafo de Bocarro não excede os cinco anos de 1630 a 1634. Acrescentamos que da epístola-dedicatória se induz terem vindo para a Europa dois manuscritos iguais, remetidos cada um em seu navio.

Após Barbosa Machado, Monsenhor Ferreira Gordo ocupou-se, a seu turno, da obra de Bocarro, dando notícia de haver achado um dos exemplares, dividido em dois volumes, texto e plantas, na Biblioteca Real de Madrid (*Memórias de Literatura da Academia das Sciencias de Lisboa*, tômo III, ano de 1792, pág. 31). Depois, em 1850, Rivara comunicou a descoberta de outro manuscrito existente em Évora (*Catálogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborense*, tômo I, págs. 302 a 306), o qual lhe pareceu ser o mesmo que Barbosa Machado vira, como atraz dissemos, na livraria do Duque de Cadaval. Finalmente, em 1876, Bulhão Pato informa, em sua introdução à *Década 13 da História da India*, da autoria de Bocarro (edição da Academia), ter sabido por Silva Túlio encontrar-se um terceiro exemplar na Casa Castelo-Melhor, exemplar que, ajuntamos, foi depois leiloado (*Catálogo dos preciosos Mss. da Casa Castelo-Melhor*, 1885, pág. 39).

Por nossa parte, não vimos o de Évora, mas tendo enviado ao Snr. Dr. Lopes da Silva, ilustre director da Biblioteca da dita cidade, cópia das duas primeiras págs. do códice 29 da Biblioteca Nacional, aquêle nosso colega amàvelmente nos informou de que o nosso códice lhe parecia ser obra diversa da que se guarda em Évora. Por outro lado, Bocarro diz-nos, na dedicatória atraz transcrita, que no final de seu livro pusera uma relação de todos os conventos do Estado da India. Ora esta relação, que cremos existir no Códice de Évora (*Catálogo* de Rivara, pág. 306), não figura no da Biblioteca Nacional, onde é substituída por uma notícia da Ilha de Gôa. Também Bocarro escreve, na mesma dedicatória, que fez menção de tudo *o que sobeja e falta para acudir às Fortalezas* de que trata; ora, no códice 29 B. da Biblioteca Nacional nada a êste respeito se encontra. Logo, verificam-se, como aliás era de prever, os bons fundamentos da suspeita do Snr. Dr. Lopes da Silva.

Quanto a Pedro Barreto de Rèsende, foi êle autor dum trabalho intitulado *Descripções das Fortalezas da India Oriental*. Dêste existem hoje, pelo menos, três exemplares antigos: um, no British Museum, Sloane Mss., n.º 197, que Francis Parry, ministro inglês em Lisboa, parece ter levado para Inglaterra em 1680 (Figanière, *Catálogo dos Manuscriptos portuguezes existentes no Museu Britannico*, pág. 165), e dois outros na Bibliothèque Nationale de Paris (Ferdinand Denis, *Missal Pontifical de Estevam Gonçalves Netto*, págs. 77 e 80). Do primeiro exemplar—apógrafo de 1636, segundo nos informa o Snr. Luiz Keil, que já o examinou – há vários trechos transcritos em apenso à edição inglesa dos *Comentarios de Afonso de Albuquerque* pela Hakluyt Society, Vols. III e IV, assim como reproduções das plantas de Ormuz e Malaca, resp. nos Vol. I e III. Do mesmo exemplar conhecemos, ainda, a planta de Sofala, por amabilidade do Snr. General Teixeira Botelho, que possui uma fotografia dela. Quanto aos manuscritos de Paris, informa Ferdinand Denis que um dêles, o de maior formato – e datado de 1635, conforme nos assegura o Snr. Luiz Keil – está marcado com o brasão de Colbert, prova evidente de que foi para França no século XVII; mais diz o mesmo autor que o outro exemplar, em formato menor, entrou na Bibliothèque Nationale por dádiva de Madame Geoffroy de Saint-Hilaire, viúva do sábio naturalista que esteve em Lisboa no tempo de Junot, donde se infere que êste terceiro exemplar deve ter sido subtraído, em 1808, de qualquer biblioteca portuguesa, o que não é de estranhar, pois de um documento publicado por Pedro de Azevedo (Academia das Sciências de Lisboa, *Boletim da Classe de Letras*, vol. XIV, 1922, pág. 97) consta que Saint-Hilaire se apossou de muitos manuscritos. É certo que se sabe haver êle restituído, antes de seu embarque para França, cinco caixas de papéis *recolhidos em vários pontos*, como diz um relatório de António Rodrigues de Oliveira, datado de Lisboa, 17 de Setembro de 1808, e dirigido ao tenente-coronel Nicolau Trant; mas não teria ainda ficado com alguns, os de maior valia? Além dos três exemplares antigos, mais três outros se conservam: um, na Biblioteca da Academia das Sciências (Vid. Introdução de Bulhão Pato à edição de 1876 da *Decada 13 da História da India* por António Bocarro, pág. XII); o segundo, na livraria da Casa Palmela, copiado em Paris sob a direcção do Visconde de Santarém (Figanière, *Catálogo dos Manuscritos portugueses existentes no Museu Britannico*, pág. 340); o terceiro, finalmente, na Biblioteca Nacional, cópia, também, do exemplar grande de Paris, feita nos anos de 1887 a 1889 por D. Cristina Garin dos Santos.

Ora neste (fls. 100 e 2) encontram-se os seguintes períodos: *Nas quais costas (as da India) tem S. Magestade as fortalezas (que de fora deste livro vão estampadas noutro) e os Portugueses em todos os reynos e provincias dellas os tratos e comercio, que se verão pelas descripções de cada huma, as quaes fez Antonio Bocarro chronista deste Estado da India, com immenso trabalho e disvélo, de que eu fui boa testemunha; porque tendo eu dado principio ás plantas deste livro, e determinado faze-lo da mesma forma que elle está para minha curiosidade, mandou S. Magestade ao Conde de Linhares Viso-Rey da India (meu senhor) lhe mandasse hum livro desta mesma forma; e remetendo o Conde Viso-Rey o dito livro ao chronista Antonio Bocarro, para que o fizesse, lhe respondeu que as descripções faria elle por ser cousa tocante ao seu officio mas que as plantas era impossivel podel-as elle fazer, se lhas eu não désse por ter já maior quantidade dellas E ordenando-me o Conde de Linhares (meu senhor) o fizesse, desisti de certo intento que tinha, e as dei com a condição que me desse elle as descripções dellas, e nesta conformidade se acabou o livro que foi a Sua Magestade.* Algumas linhas adiante: *Além da emmenda destas contas leva este livro mais do que o Choronista mandou a S. Mag.*^{de}*— Todas as Fortalezas que ha em todas as costas da India.., quer sejam de Mouros, quer de Enemigos da Europa...* (i. é, de ingleses e holandeses).

Dos trechos aduzidos pode, desde já, concluir-se:

1.º — Que Rèsende se propôs, anteriormente a Bocarro, escrever um *Livro das Fortalezas*, obra essa para a qual reünira bastantes plantas, mas cujo texto ainda não havia começado a redigir.

3.º — Que Rèsende cedeu efectivamente a Bocarro, entre 1630 e 1634, as plantas que elaborara, sob a condição, porém, do segundo lhe dar depois cópia das descrições.

4.º — Que o mesmo Rèsende refundiu e ampliou, mais tarde, a obra de Bocarro, quer aumentando o número de plantas, quer alargando e, também, corrigindo as descrições.

Vendo do princípio ao fim a cópia do códice de Rèsende na Biblioteca Nacional, vários passos nêle encontrâmos que mais subsídios fornecem para a determinação aproximada das datas em que, respectivamente, Bocarro e Rèsende redigiram os seus livros.

Assim, temos:

a) Fl. 8: *Não se tem athegora achado nestas terras* (de Sena, na Zambézia) *de S. Magestade nenhuma mina de ouro nem de prata, só no presente de 634 diz que se achou que as Serras da Maravanna que estão distantes de hum tiro de peça de Senna saõ minas de prata...* (Parece êste trecho cópia de Bocarro, pois Rèsende só deve ter começado a escrever o texto depois de Bocarro ter pronto o seu trabalho, em Janeiro de 1635, como julgamos depreender-se da dedicatória).

b) Fl. 71 verso: *E na visita que o Conde de Linhares V.Rey mandou fazer ás Fortalezas do Norte* (Diu, etc.) *no presente anno de 634 por tres ministros do Cons.º D. Francisco de Moura Capitaõ da Cidade, Gonçalo Pinto da Fonseca Chanceller do Estado da India, e Joseph Pinto Pereira veador da Fazenda Geral della...* (Igualmente se nos afigura copiado de Bocarro).

c) Fl. 22: *No fim do anno de 635 tomou Roque ao levantado Rey de Mombaça em huã ilha pegada á de S. Lourenço 13 peças d'artilharia...* (Trecho que não pode ser cópia de Bocarro, mas, sim, original de Rèsende, visto aquêle haver assinado a dedicatória em Fevereiro do referido ano).

d) Fl. 46: *Na era de 1636 quando o Conde de Linhares Viso Rey deixou o governo da India estava já esta nova fortificaçaõ do Forte padrasto e mais Fortes referidos quasi de todo acabado na forma que fica declarado* (passo incluído na descrição de Mascate). Ora, em outra sua obra, intitulada *Breve Tratado ou Epilogo de todos os Visorreys que tem hauido no Estado da India. Successos q̃ tiueraõ no tempo de seus gouernos. Armadas de Nauios & Galeões q̃ do Reyno de Portugal foraõ ao dito Estado E do que succedeo em particular a alguas dellas nas Viagens que fizeraõ,* diz Rèsende haver partido de Goa com o Conde de Linhares, para a metrópole, na noite de 17 para 18 de Março de 1636 (Biblioteca Nacional, Ilum. 139, fl. 115). Logo, o referido passo é posterior a esta data. Outra conclusão ainda se tira. Conjugando a data da partida de Goa com o facto da dedicatória ser dirigida a Filipe III, vê-se que a obra foi terminada entre 1636 e 1640, provàvelmente no primeiro dêstes dois anos, e talvez ainda durante a viagem de regresso a Lisboa.

e) Fl. 155 verso: *... são mais de 6000 as demandas que andão correndo nesta cidade de Goa, e só no juizo dos feitos havia em este anno de 635 concluidos 1400 feitos de muitos annos...* (É certamente de Rèsende).

f) Fl. 171 verso: *O guarda mor da torre do tombo tem de ordenado... e quando he chronista (como o que hoje escreue) vence...* (Deve ser cópia textual de Bocarro, que sabemos ter sido guarda-mor e cronista da India).

g) Fl. 261: *Os Capitaens e presidios ministros e officiaes de S. Magestade que ha nesta cidade de Columbo e proveem d'ella tem os ordenados que tem cada hum de sua real fazenda e os rendimentos de toda a ilha com que se faz toda a despeza excepto a Canella que com o estanque vem para Goa se pode ver tudo muy claramente do Regimento abaixo lançado que o presente anno de 634 fez pera a dita ilha o Conde de Linhares Viso Rey...* (Parece-nos cópia textual de Bocarro, pela razão aduzida na primeira alínea).

Do exame destes excertos julgamos poder concluir:

1.º — Que Bocarro deve ter elaborado a sua obra no anno de 1634.

2.º — Que Rèsende redigiu em 1635 e 1636 o texto do códice de Paris, texto que, na cópia da Biblioteca Nacional, abrange nada menos de 321 fôlhas.

Isto pôsto, vamos passar ao exame interno do códice 29 afim de ver se alguma referência cronológica se nos depara que permita calcular aproximadamente o ano, ou anos, em que êle foi redigido e, depois, concluir se é, ou não, admissível a hipótese de sua autoria pertencer a Bocarro ou a Rèsende.

a) *Ormuz* — A respectiva descrição mostra ter sido feita quando a fortaleza ainda pertencia a Portugal. Logo, conclui-se que a redacção dêste trecho não foi certamente posterior a 12 de Maio de 1622, data da capitulação da praça (Luciano Cordeiro, *Como se perdeu Ormuz*, pág. 145). Note-se que no sumário que Rivara fêz do códice de Bocarro, existente em Évora, não figura a fortaleza e que, por outro lado, Rèsende explica que a omite por ela já não ser da coroa de Portugal (fl. 59).

b) *Terras de Bardez* — O correspondente parágrafo diz existirem nessas terras os Fortes de *Auguada, Candolin* e *Tiui*. No códice de Rèsende acha-se a propósito das mesmas terras: *... na praya de Candolim fez o Conde de Linhares Visorrey hũa Fortaleza nova de forma e pera o effeito que se dirá adiante na sua descripção. Tambem no porto de Tari fez outra para partir as Terras de Bardés da firme do Idalcão...* (fl. 140). Vê-se, pela alusão ao Conde de Linhares, que o autor do manuscrito que publicamos escreveu êste passo depois de 1629.

c) *Fortaleza do Cunhal* — Lendo o respectivo artigo no códice 29, fica-se com a impressão de que êle foi redigido em época em que a mesma fortaleza, como as outras descritas, nos pertencia ou, pelo menos, não voltara a ser um padrasto do inimigo. Ora sabemos, por Diogo do Couto, que esta praça foi conquistada a 16 de Março de 1600 (e não em 1604, como diz o referido códice), por uma expedição conjuncta de André Furtado de Mendonça e do Samorim de Calicut, tendo sido dias depois derribadas as suas muralhas *(Década duodécima, Parte última*, edição de 1788, págs. 405 e 410). Mais adiante, em data que não conseguimos determinar, foram as fortificações de novo erguidas pelos mouros, como relata o códice de Rèsende: *Esta Fortaleza do Cunhale podera ser do Estado porque a tomou em tempo do primeiro governo do Conde da Vidigueira — Andre Furtado de Mendonça havendo custado primeiro, mas tornou-se a largar ficando arrazada, e os mouros a tornarão a povoar fazendo-a reedificar; e hoje he hũa das ladroeiras que ha na costa do Malavar, de que o Estado recebe grande dâno e como não he nossa não trato d'ella e só puz aqui a planta por curiosidade sem mais descripção* (fl. 219).

Ao contrário de Rèsende, Bocarro parece não haver mencionado a fortaleza em seu livro; pelo menos o sumário dêste em Rivara, *Catálogo dos Manuscritos de Évora*, não se lhe refere. Leva-nos isso a supôr a fortaleza já reedificada pelos mouros na ocasião em que Bocarro escrevia.

Ora se êste fosse o autor do códice 29, como entender que êle não repetisse o artigo do Cunhal no códice de Évora?

d) *Fortalezas de Quelba e de Doba* — Do texto de seus artigos se depreende que estes foram escritos depois de 1624.

Resumindo, afigura-se-nos possível formular as seguintes conclusões:

1.ª — Que nem Bocarro nem Rèsende devem ter sido o autor do códice 29, conquanto seja quási certo, como adiante veremos, que o consultaram, como base de seus ulteriores trabalhos, mais desenvolvidos.

2.ª — Que o códice 29 é cópia de apontamentos escritos em diversos anos, provàvelmente entre os principios de 1622 e 1633.

Passemos agora à comparação dos três códices referidos — o 29, o de Pedro Barreto de Rèsende e o de António Bocarro — sôb o ponto de vista da semelhança que entre êles existe, quer na disposição da matéria, quer nas palavras do texto. Comecemos por apresentar um quadro da distribuïção geral dos assuntos nos mesmos códices.

Códice 29 da B. N. L. (anónimo)	Códice 140 Ilum. da B. N. L. (Pedro Barreto de Rèsende)	Códice da Biblioteca de Évora (Ant.º Bocarro)
Fortaleza de Sofala	Descripção geral	Fortaleza de Sofala
Rios de Cuama	Fortaleza de Sofala	» de Moçambique
Fortaleza de Sena	Rios de Cuama	Igrejas de »
» de Tete	Fortaleza de Sena	Quelimane
Ilhas de Angoxa	» de Tete	Sena
Fortaleza de Moçambique	Animais q. há nos rios de Cuama	Tete
Ilhas de Querimba	Ilhas de Angoxa	Animais q. há nos rios de Cuama
Mombaça	Fortaleza de Moçambique	Ilhas de Angoxa
Fortaleza de Curiate	Ilhas de Querimba	» de Querimba
Forte de Matará	Mombaça	Mombaça
Mascate	Curiate	Curiate
Sibô	Mascate, Costa Arábia, estreito da Persia	Mascate
Borca	Matará	Matará
Soar	Sibô	Sibô
Quelba	Borca	Borca
Orfação	Soar	Soar
Madá	Quelba	Corfacaõ
Libidia	Corfacaõ	Quelba
Dobá	Libedia	Libedia
Ormuz	Mada	Madá

Códice 29 da B. N. L. (anónimo)	Códice 140 Ilum. da B. N. L. (Pedro Barreto de Rèsende)	Códice da Biblioteca de Évora (Ant.º Bocarro)
Baçorá	Doba	Doba
Descripção do Congo	Dube	Navegações e viagens q. se fazem de Mascate
Viagens do Sinde	Forte de Mocombim	Reino de Cacha
Descripçaõ de Cacha	Rend.^{to} de Mascate	Fortaleza de Diu
» de Naganá	Ormuz	Costa de Diu e correntes de macareos
Ilha de Bárem	Naveg.^{es} e viagens q. se fazem de Mascate	Reinos do Mogor
Fortaleza de Diu	Descripçaõ do porto do Congo, na Persia	Cid. e Fort.ª do Mogor
» de S. Jeronimo	Baçorá	Forte de S. Gens
Fortaleza de Dámaõ	Ilha de Bárem	Forte de Danu
» de S. Gens	Sinde e suas navegaçoẽs	Forte e povoaçaõ de Trapor
» de Danu	Reino de Cacha	Fort.ª e povoaçaõ de Maim
Fortaleza de Trapor	Naganá	Tanadaria de Agaçaim
Fortaleza de Sirgão	Fort.ª e rend.^{to} de Diu	Fortaleza de Manorá
Maim	» de Damaõ	Descripçaõ da Serra de Asserim de Trapor
Descripçaõ Agaçaim	Forte de S. Gens	Fort.ª e cidade de Baçaim
Fortaleza de Manorá	» de Danu	Tranqueira Saibana
Serra de Asserim	» e pov. de Tarapor	» Coranganjeira
Fortaleza de Baçaim	Sirgaõ	Povoaçaõ de Taná
Taná	Forte e pov. de Maim	Barra e porto de Mombaim
Bombaim	Tanadaria de Agaçaim	Fort.ª da Ilha de Caranja
Fortaleza de Caranja	Fortaleza de Manorá	Fort.ª do morro de Chaul
Morro de Chaul	Serra de Aserim	Cid. e Fortª de Chaul
Fortaleza de Chaul	Baçaim	Fort.ª de Aguada
Terras de Bardez	Tranqueira de Saybana	Fort.ª de Bardez, chamada Reis Magos
Fortaleza de Augüada	» de Carayangens	Forte N. Sr.ª do Cabo
Cid. de Goa	O Passo Seco	Forte Gaspar Dias

Códice 29 da B. N. L. (anónimo)	Códice 140 Ilum. da B. N. L. (Pedro Barreto de Rèsende)	Códice da Biblioteca de Évora (Ant.º Bocarro)
Ilha de Salssete	Salssete de Bassaim	Pangim
Fortaleza de Onor	Maim, Bandorá	Ribandar
» de Barçalor	Mombaim, Barra e porto	Passo de Naroa
» de Mangalor	Caranja	Dangim
» de Cananor	Taná, Baluarte do Mar, Reis Magos	Passo Seco ou S. Braz
» do Cunhale	Chaul	Passo S. Tiago ou de Benestarim
	II PARTE	
» de Cranganor	Terras de Bardez	Passo S. João Baptista Carambolim
» de Cochim	Forte de Aguada	Passo S. lourenço
Fortaleza de Coulaõ	Forte Reis Magos	Muros da ilha de Goa
» de Manar	Ilha de Goa e territorios vizinhos	Ilha de Goa
» de Columbo	Armadas q. se fazem em Gôa	Fort.ª de Mormugaõ
» de Galle	Forte de Mormugaõ	Rachol
» de Batecalou	Ilha de Salsete, Gôa e Rachol	Fort.ª de Onor
» de Malaca	Fortaleza de Onor	Fort.ª de Cambolim
» de Achem	» de Cambolim	» de Barcelor
Ilhas de Moluco	» de Barcelor	» de Mangalor
Ilha de Goa	» de Mangalor	Fortaleza de Cananor
	» de Cananor	Fortaleza de Cranganor
	» de Cunhale	Descripçaõ de Paliporto
	» de Cranganor	Fort.ª e Cid. de Cochim
	» de Paliporto	» de Coulaõ
	» de Cochim	» de Manar
	» de Coulaõ	» Negumbo
	Povoaçaõ de Nagapataõ	» e Cid. de Columbo
	S. Tomé de Meliapor	Folhas da despª e rend.^{to} da Ilha de Ceilaõ
	Fortaleza de Palleacate	Fortaleza de Caliture
	» de Manar	» de Gále

Códice 29 da B. N. L. (anónimo)	Códice 140 Ilum. da B. N. L. (Pedro Barreto de Rèsende	Códice da Biblioteca de Évora (Ant.º Bocarro)
	Ilha de Ceilaõ	» de Batecalou
	Fortaleza de Columbo	» de Triquilimale
	» de Negumbo	» do Caes dos Elefantes
	» de Caleturé	Fortaleza e reino de Jafenapataõ
	» de Jafanapataõ	Povoaçaõ de Nagapataõ
	» de Guale	Cid. de S. Tomé de Meliapor
	» Triquilimale	Fortaleza de Malaca
	» de Batecalou	Descripçaõ de Macau
	» de Canararé	Forte de Santiago
	Fortaleza de Balligaõ	Baluarte de N. Sr.ª do Bomparto
	» de Maldiva	Baluarte N. Sr.ª de Penha de França
	Ilha de Maldiva	Baluarte de S. Francisco
	Malaca e Ilha das Naos	» de N. Sr.ª da Guia
	Achem	Forte de S. Paulo
	Fortaleza de Jacatará	Imperio da China
	Amboim	Fortaleza de Solor
	Ilhas de Maluco	Relaçaõ de todos os conventos, etc.
	Fortaleza de Solor	
	» de Endeminor	
	» de Macháo	
	Cidade de Macháo	
	ilha Formosa	

Do quadro anterior se vê que tanto o códice 29 como o de Bocarro principiam pela descrição de Sofala. Mas, depois, o 29 passa, como é natural, aos rios de Cuama (bocas do Zambeze), enquanto o de Bocarro salta de Sofala a Moçambique, após o

que volta ao sul, tratando então de Quelimane, Sena e Tete. Também, no códice 29, vem a descrição das ilhas de Angoxa logo a seguir à de Tete, ao passo que o de Bocarro insere entre as duas um parágrafo especial sôbre os animais que há nos rios de Cuama, parágrafo êste que não existe naquele embora apareça no de Rèsende. Diz êste último: *A descripção dos Rios de Cuama escreveo o chronista do Estado da India Antonio Bocarro junto com a de Mosambique tanto por ser cousa que anda annexa áquella capitania como porque no Livro que fez não metteu planta das Terras, Fortes e Rio. E porque eu houve a dita planta na forma em que se vê a puz aqui em seu logar, começando de Quilimane*... (Biblioteca Nacional, *Ilum.* 140, fl. 4 verso e 5). Induz-se, portanto, que Rèsende entendeu, e bem, que a descrição dos rios de Cuama devia vir imediatamente depois da de Sofala, seguindo, portanto, a mesma ordem que adoptou o autor anónimo do códice 29. Por outro lado: teria Bocarro omitido a planta dos rios de Cuama se ela se incluísse no número das que Rèsende lhe cedeu à roda de 1634? Não é crível. E parece, tambem, improvável que Rèsende já então a possuísse e a não entregasse a Bocarro com as outras que lhe emprestou. Logo, afigura-se-nos razoável a suposição de que Rèsende só alcançou a referida planta depois de Bocarro já haver terminado o seu trabalho. Isto pôsto, passemos a outro ponto.

Fala o códice 29 várias vezes de plantas de fortalezas, que sem dúvida pertenciam ao respectivo original, mas cuja cópia se não encontra naquele. Por exemplo:

a) Na descrição de Cochim: *Está esta Cidade plantada (como se ué) na entrada da barra*...

b) Na descrição de Ceilão: *Apartace esta Ilha de Ceilão por um braço de Mar, por hũ Canal* (*Como se ué*)...

Ora o mesmo códice 29 nada diz de semelhante no parágrafo dos rios de Cuama. Portanto, é improvável que, no seu perdido original, existisse planta dêstes rios. Rèsende tinha, porém, esta planta; e se êle fôra o autor do mencionado manuscrito, não é de crer que no texto deixasse de falar nela. Logo, parece poder excluir-se a hipótese da autoria de Rèsende para o códice 29. E Bocarro? Como admitir que êle tenha sido o autor do mesmo códice, uma vez que a descrição dos rios de Cuama não vem aí à altura em que aparece no de Évora, que é certamente seu?

Verdade é que póde objectar-se ser, talvez, o códice 29 uma cópia do primitivo borrão de Bocarro, cuja disposição êste alteraria no trabalho definitivo; mas como compreender que êle haja mudado para peor a ordem de seqüência das matérias que é, evidentemente, mais lógica no códice 29 que no exemplar de Évora? Logo, mais uma razão para suspeitar que Bocarro não deve ter sido seu autor.

Mas se Bocarro não redigiu, provávelmente, o borrão que o códice 29 representa, julgamos, todavia, que êle consultou o original daquele quando fêz o seu trabalho. Não temos à nossa disposição o códice de Évora para o cotejar, do principio ao fim, com o 29; mas, partindo da hipótese, que deve ser exata, de Rèsende haver utilizado uma cópia de Bocarro, conseguimos verificar que na obra do primeiro se inserem quási textualmente vários trechos do 29, que cremos haverem sido transmitidos atravez de Bocarro.

Exemplos;

a) *Códice 140 Ilum.*, fl. 18 verso — ANGOXA — O princípio do artigo é igual ao do códice 29. Com efeito, nele se lê: *As Ilhas de Angoxa, he hũa corda dellas que começa trinta leguas de Mossambique para o sul....* No códice 29: *As Ilhas de Angoxa, he hũa Corda de Ilhas que comessão trinta legoas de Moçambique para o Sul,...* (fl. 5).

b) *Códice 140 Ilum.* fl. 19. — Um período, também, quasi igual a outro do códice 29. Assim: *As Ilhas de Angoxa desabitadas são 7 que estão ao mar: passa se por entre ellas em terra por distancia de hũa legua com 8 ate 9 braças, e antes da barra de Angoxa 4 legoas esta hũa coroa de area em descoberto tres legoas ao mar a que chamaõ St.º Antonio cercada toda d'arrecife pella banda do mar bem para temer...* No códice 29: *As Ilhas de Angoxa, que estão ao Mar são sete, E todas dezabitadas passace por entre ellas E a terra, por distancia de huã legoa, em 8 athe 9 braças; E antes da barra de Angoxa quatro legoas, Està huã coroa de arêa, em descuberto, trez legoas ao Mar, a que chamão Santo Antonio Cercaa todo o aRecife pella banda do Mar, bem para temer....* (fl. 5)

c) *Códice 140 Ilum.*, fl. 10: *De Senna a Thete são 60 legoas caminhando pello rio Zambese acima tudo por terras sogeitas a Sua Magestade. Thete he uma povoação de Portuguezes sita nas terras do Reino da Mocranga ao longo do dito Rio Zambeze que terá athe vinte casados brancos e com os pretos e mestiços sempre se farão trinta espingardas...*

Códice de Évora: De Senna a Tete são seçenta legoas caminhando pello dito Rio zembeze asima tudo por terras sujeitas a sua Mag.^{e} Tete he hua pouoação de Portuguezes cita nas terras do Reino da Mocranga, ao longo do dito Rio zembeze que tem ate vinte cazados brancos, e com pretos e mestiços sempre se farão trinta espingardas... (Trecho que amàvelmente nos cedeu o Sr. Armando Cortesão, que em Évora o copiou, quando lá procedia a investigações para um vasto trabalho de história da cartografia portuguesa, que actualmente tem em impressão).

Códice 29 Mss., fl. 4: *De Senna a Tete São 60 Legoas pello Rio Zemzebi asima; sogeitas todas a ElRey de Portugal; he Tete povoação de athê 30 cazães, com muitos captiuos,...*

Revelam êstes trechos próximo parentesco entre si. Que o primeiro (de Rèsende) é quasi cópia literal do segundo (de Bocarro), não há que duvidar. Quanto ao terceiro, o do manuscrito anónimo que publicamos agora, afigura-se-nos ser êle a origem do segundo, que, como se vê, reproduz o seu início quási textualmente. Assim, parece confirmar-se que do códice 29 proveio o de Bocarro, no qual, por sua vez, se foi filiar o de Rèsende. E esta conclusão mais se avigora se atendermos, por um lado, a que Bocarro só em 19 de Agôsto de 1631 foi nomeado cronista dos sucessos da India e guarda-mor da Tôrre do Tombo de Gôa (Tôrre do Tombo, Livro 29 das *Monções*, fl. 89); por outro lado, a que o códice 29, embora em certo passo aluda ao Conde de Linhares, parece ser quási todo êle escrito antes do govêrno dêste, iniciado em 1629, pois é 1624 a mais moderna data referida explicitamente em seu texto.

Como se vê, só conseguimos apurar a data aproximada do original, perdido, do códice 29, e ao mesmo tempo estabelecer a extrema improbabilidade de êle haver sido escrito por Bocarro ou por Rèsende. Falta o mais importante, a determinação do autor; mas ela é problema cuja resolução depende, infelizmente, do acaso. É êste, também, que vai agora permitir-nos comprovar a plausibilidade de nossa hipótese do códice 29 ser anterior a Bocarro. Assim, o Sr. Carlos Schwalbach, 1.º Bibliotecário da Biblioteca Nacional que provisoriamente está encarregado da Biblioteca da Academia das Ciencias, chamou a nossa atenção para um manuscrito do século XVIII, apógrafo de um outro de 1582, intitulado *Livro das Cidades e Fortalezas que a Coroa de Portugal tem nas partes da India, e das Capitanias e mais Cargos que nelas ha, e da importancia delles.* O manuscrito, infelizmente mutilado, contém apenas o princípio da obra, compreendendo o prefácio e três capítulos, respectivamente consagrados à *Cidade e Ilha de Goa,* às fortalezas de *Bardez e Rachol,* e à *Cidade e fortaleza de Chaul.*

Que o respectivo original era de 1582 vê-se de certo passo a fls. 9: *O Tanador Mor da Ilha de Goa he cargo que se costuma prouer em Vida em fidalgos e pessoas nobres. ..... E deste cargo por estar vago fez Sua Magestade del Rey nosso Sñor mercê no despacho da India proximo passado deste anno de oitente e dous a Reymão Falcão fidalgo de sua casa filho do Chançarel mór Simão Gonçaluez Preto em sua vida.* Efectivamente, da Chancelaria de Filipe I, livro 3.º, fl. 132 verso, consta que a referida nomeação se fez em 27 de Março de 1582. A mesma data ainda se verifica noutros pontos do texto, fl. 15 verso, 16 e 16 verso: *A Fortaleza de Bardez está situada em terra firme dos Reynos de Daquem, defronte da Ilha de Góa da banda do Norte em huũas terras do mesmo nome de Bardez: Nas quaes ha trinta aldeas e pouoações grandes... E o anno passado de oitenta e hum fez Sua Magestade del Rey nosso Senhor merce della a Diogo Lobo de Sousa fidalgo de sua casa em dias de sua vida...*

A Fortaleza de Rachol, he nos ditos Reynos de Daquem defronte da Ilha de Góa da banda do Sul, situada em huũas terras que chamaõ de Salcete, ao longo de hum rio que parte estas... e o anno passado de oitenta e hũ, fez Sua Magestade merce desta capitania a Manuel de Miranda fidalgo de sua casa em dias de sua vida...

De um trecho do prefácio induz-se que a obra foi redigida sôbre informações enviadas das diversas fortalezas: .... *segui nesta materia o que está escripto daquellas partes, e procurey enformações dos homẽs mais praticos de cada hũa dellas. Se a obra não for tal q̃ agrade a V. Mag.^{de} confio da Sua grandeza que lhe agradará o Zello de Seu Seruiço com que o fiz. Nosso Snõr a vida e muito alto e poderoso estado de V. Magestade guarde e prospere por muy largos annos.*

Cumpre-nos acrescentar que o Sr. Dr. Jaime Cortesão encontrou na Biblioteca Nacional de Madrid um extenso manuscrito de 1582, com o mesmo título do folheto, muito incompleto, que já dissemos existir na Academia das Ciências de Lisboa (*História de Portugal,* sob a direcção literária de Damião Peres, Portucalense Editora, Barcelos, vol. IV, pág. 15). A existência dêste manuscrito de 1582 prova que Bocarro e Rèsende tiveram predecessores e que, portanto, é inteiramente plausível que o original do nosso códice 29 tivesse sido escrito por alguém, não só diferente daqueles dois auctores, mas também anterior a êles.

B) — *Importância do códice 29 para o estudo do sistema de fortificações do Império português do Oriente, cêrca de 1630.*

Basta um golpe de vista sôbre os Esboços I e II para constatar que, em geral, as fortalezas portuguesas do Oceano Indico tinham simplesmente por fim assegurar a *defeza táctica,* isto é, *local,* dos portos de comércio. Entretanto, notam-se cinco grupos de fortificações cujo dispositivo geográfico nos revela um *plano geral estratégico,* de maior envergadura. São êles:

a) *Grupo da Zambézia - Manica* — Mostra, já avançada, a penetração comercial e militar no interior de África.
b) *Grupo do Golfo Pérsico* — Sobressai dêle a intenção de dominar, na entrada dêste golfo, o comércio da India com a Pérsia e a Síria.
c) *Grupo de Damão - Chaul* — Tinha, ao que parece, dois objectivos: um, o de impedir a expansão dos ingleses e holandeses para o sul do Golfo de Cambaia, em cujas margens êles forcejavam por estender seu comércio; outro, talvês, o de preparar um futuro avanço no interior do Industão.
d) *Grupo de Goa - Rachol* — Nêle vemos a preocupação de assegurar sòlidamente a defeza de Goa, nosso *centro de*

operações e de abastecimentos no Oceano Indico, fazendo da mesma cidade um pequeno campo entrincheirado.

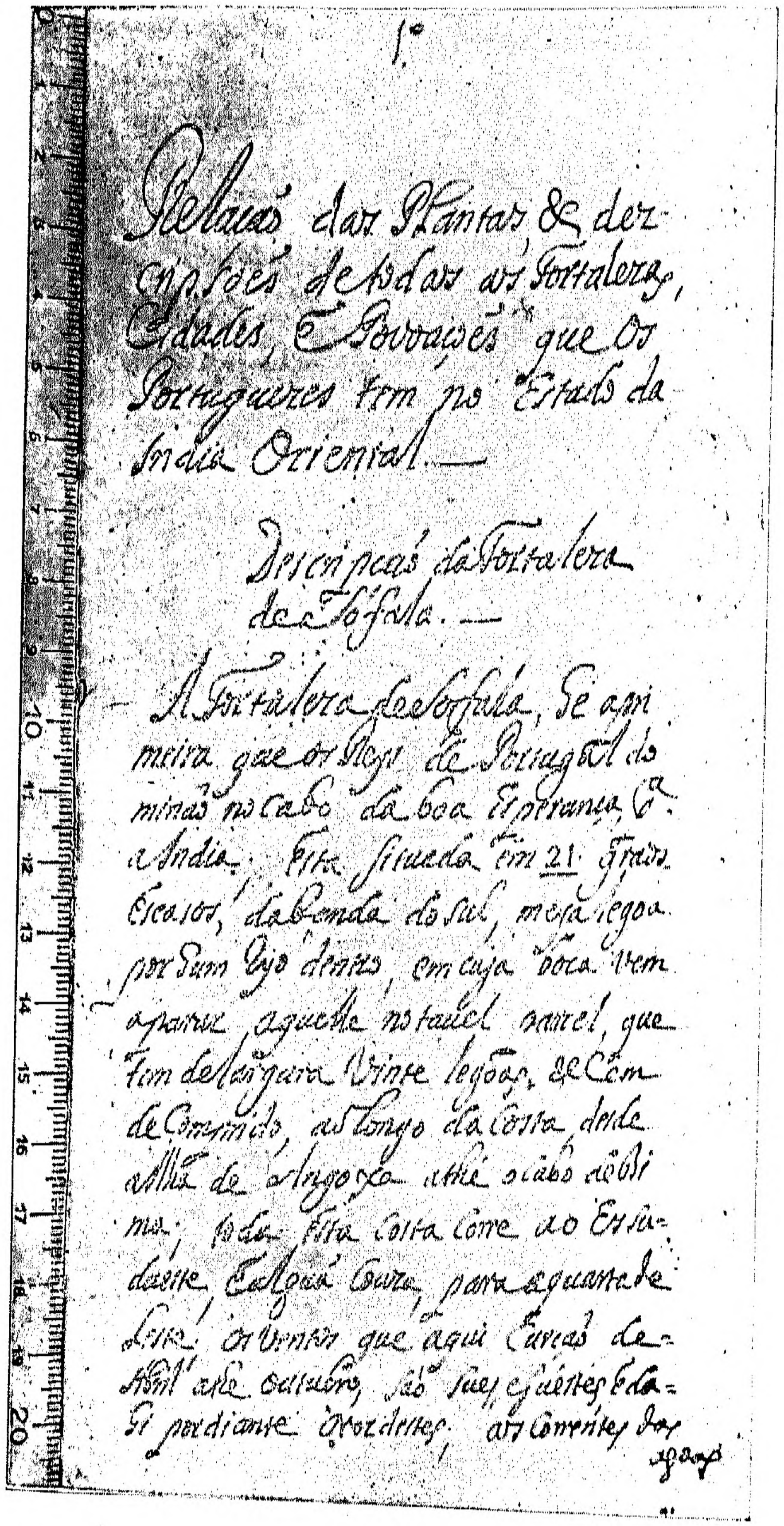
e) *Grupo de Ceilão* – Constituía uma *base envolvente* para a conquista do interior da ilha.

Por seu turno, o texto mostra que, com raras excepções, as chamadas fortalezas da India se resumiam a pequenos postos fortificados, algumas vezes sem guarnição de *soldados pagos*, e cuja defeza, em caso de alarme, incumbia aos comerciantes portugueses e seus escravos, que junto ou dentro delas residiam.

Terminando, queremos consignar dois votos: um, o de que a edição do códice 29 contribua para reanimar o interêsse do público pela história dos nossos antigos domínios orientais; outro, o de que em breve nos seja possível iniciar a publicação do extenso manuscrito de Rèsende, com sua numerosa e interessantíssima colecção de plantas.

Biblioteca Nacional, em 7 de Abril de 1933

O DIRECTOR
A. BOTELHO DA COSTA VEIGA



1°

Relação das Plantas & dezcripsões de todas as Fortalezas, Cidades, E Povoações que os Portuguezes tem no Estado da India Oriental.—

Descripção da Fortaleza de Sofala.—

A Fortaleza de Sofala, he a primeira que os Reys de Portugal dominão no Cabo da boa Esperança, para India: Esta Situada Em 21 graos Escasos, da banda do Sul, meya legoa por hum Ryo dentro, em cuja boca vem aparar aquelle notauel parcel, que tem de largura Vinte legoas, & Cem de Comprido, ao longo da Costa desde a Ilha de Angoxa athé o Cabo de Bima; toda Esta Costa Corre ao EsSudueste, E algũa Couza, para a quarta de Leste; os Ventos que aqui Curção de Abril athe Outubro, São Sues, e Suestes, E dahi por diante Nordestes; as Correntes das agoas

RELAÇÃO DAS PLANTAS, & DEZCRIPSÕES DE TODAS AS FORTALEZAS, CIDADES, E POVOAÇÕES QUE OS PORTUGUEZES TEM NO ESTADO DA INDIA ORIENTAL.—

Descripção da Fortaleza de Sofala.—

A Fortaleza de Sofala, hé a primeira que os Reys de Portugal dominão no Cabo da boa Esperança, para a India: Esta situada Em 21. gráos Escasos, da banda do Sul, meya legoa por hum Ryo dentro, em cuja boca vem aparar aquelle notauel parcél, que tem de largura Vinte legoas & Cem de Comprido, ao longo da Costa, desde a Ilha de Angoxa, athé o Cabo de Bima; toda Esta Costa Corre ao EsSudueste, E algũa Couza, para a quarta de Leste; os ventos que aqui Curção de Abril athe Outubro, São Sues, e Suéstes, E dahi por diante Nordestes; as Correntes das agoas vão aqui sempre Contra os Ventos, E ordinaria mente para o Sul a Fortaleza he pequena, e a povoação Com poucos moradores.—

Antigua mente fazia Esta Fortaleza algum gasto a S. Magestade mas agora he â Conta do Capitão de Mossambique, de quem hê o Lucro, que della se tira.—a Igreja tem hũ Vigário Com quarenta mil rs de Ordenado, os Padres Dominicos São os que asistem mais nesta Costa.—o Comercio he sessenta Legoas desta Fortaleza, a fazenda, he marfim, que se dá a troco de pano; Com a paz abundante de mantimentos.—

O Rey que Comfina Com Sofala he o de Concão, que se chama Quitere Cafre gentio, foi sogeito ao Emperador de Manamotapo, e com o fauor dos Portuguezes se levantou, E he hoje livre, E terâ athê Vinte mil Cafres sogeitos; gente não tão valerosa Como os outros daquellas partes.—

Dezcripção dos Ryos de Cuama

Quilimanji he o primeiro porto por onde Se entra para os Ryos de Cuama dista de Moçambique pella Costa Cem legoas, o qual porto he hũ braço por onde dezemboca no Mar o Ryo Zembezi, o mais pequeno de dous, Com que entra nelle, porque o outro, entra dezoito legoas mais abaixo; na barra de Luábo, pella Ilha que faz deste nome; por ambas se entra para Estes Ryos, para os quaes se parte de Mocambique Em Outubro, e Março.—

tem Esta barra no meyo hũ banco, como parcel, cuja boca terá seis braços, E no menor fundo **14.** palmos; E entrão os nossos navios poelle 4 Legoas athe hum forte, que em lingoa da terra se chama chuambo, que temos feito nas terras de Bororo: he forte, feito de madeira E fachina Com fosso Largo, a efeito de se peleijar Cuberto, tem de redondo o forte sesenta braças; não se prezidia, (senão Em tempo de guerra) Com agente do lugar, e Com alguns vezinhos, E dahi avizão aos Capitães de Senna, e Moçambique.—

Agente oposta a este Forte, he a de Mozura: contra a qual se fez, para segurança das terras vizinhas de vinte legoas de Costa, athe lecungo, e Cazungo, que he o Ryo dos bons Signais, donde Vasco da gama Entrou com a sua Armada E lhe poz Este nome.—

A Ilha de Luabo, que a faz Zambezi Como disemos, tem de Costa 18 legoas de Ryo a Ryo; E trinta por cada Lado, o que faz sesenta legoas de Circuito, Esta Ilha he sogeita a ElRey de Portugal: he m.^{to} fertil, tem m.^{ta} madeira de que se podem fazer embarcaçoens pequenas: hé m.^{to} abitada, tem moradores Mouros, E os Cafres obedecem de maneira a os Capitaens Portuguezes, que a qual quer mandado Seu aCodem para a guerra, Com pouca paga, de hũs panos para se cobrirem os mayores do Exercito; Os que habitão da parte esquerda do Rio que são os Baroros, Comem gente, e os Botongas, E Mochangos, que habitão da outra parte, são mais doceis, E vivem Com mais politica.—

Repartese o gouerno desta Ilha, por senhores, aos quais chamão Fumos, os Capitães de Mocambique repartem com elles aquellas, terras, para as cultiuarem o que não fazem porque são natural mente preguiçosos.—

junto a esta Ilha Está outra que chamão Maide de **15.** Legoas de Circuito, E como a devide só hũ Rio, o dominio, E o Costume hé o mesmo.—

Descripção de Senna

He Senna hũa povoação de Portuguezes, ao Longo do Rio Zembezi, com trinta moradores, E a mayor parte delles, com **40**— e **50**.— e **100**.—Câfres, Capitaens; São as paredes de taipa, Cubertas de palha; não tem nenhuma fortificação; hũa antigua se derrubou; esta Capitania provea e pága, o Capitão de Moçambique; E tem este Capitão jurisdição, Militar e Civil, tem quatro Igrejas; N. S.^{ra} da Asumpção, chamada a Sée, São Paulo, dos Padres da Companhia, São Domingos, dos seus religiosos, E a Mizericordia; a esta Povoação ha Alfandega do Capitão de Moçambique donde tem as suas fazendas, para o resgate do Marfim, E ouro.—

He a jurisdição desta Capitania da Barra de Luábo; **50**—legoas p.^{a} sima athe o Rio de Anoerenga, donde Comessa a jurisdição de Tete: donde são sogeitos a ElRej de Portugal, mais de trezentos Cafres de armas, obrigados a acodirem, onde forem chamados, Com que vem a ter Esta Capitania **140.** legoas de comprido, E em partes **40.** de largo; terras que estão dadas a Portuguezes, que lucrão o rendimento dellas, (mas pouco) pella preguiça dos Cultivadores.—

Comfinão Estas terras de Senna Com Machoné, Rey Cafre, que tem paz Com os Portuguezes, por serto tributo de pannos que lhe pagamos, que Elle satisfaz Com mantimentos, e Carnes, e já lhe damos menos, pellas vittorias que alcanssamos em sua ajuda, de Chicanga, Rej de Manica.—

Estâ Manica **60** legoas de Senna, E ao chicanga matarão os Portuguezes E fizerão Rey a Seu Irmão, que logo se Baptizou, E por testou Vassalajem a ElRej de Portugal, pagando ao Forte de Senna trez pastos de Botonga, E nos a elle, hum panno de cada Motoro.—

Em Manica tem ElRej de Portugal hum Forte de taipa, chamado chipangura, Em forma redonda com vinte E sinco Cazaes que o povoão, Entre negros, e brancos; tem neste mesmo Rejno, outro Forte, chamado Motuca, feito por hũ João da Costa, cazado, que nelle asistia para defença das Minas de Ouro. fasse neste Rejno hũa feira, particularmente para os Portuguezes, a que chamão Bumba, no lugar onde ha Mina de ouro,

He este Rejno muito fertil, e muito Sadio, tem tantas Minas de ouro, que pode fazer ricos a muitos moradores; tem muita Christandade, mas mais hade mister para os Conservar, que para os reduzir com o que tem muito trabalho os religiosos de São Domingos que tem naquelle Reino tres Com Ventos.—

Descripção de Tete

De Senna a Tete são 60. Legoas pello Rio Zemzebi asima; sogeitas todas a ElRey de Portugal; he Tete povoação de athê 30. Cazâes, Com muitos Captiuos, Está Cercada de muro, Com seis baluartes, E nelles alguns Falcões, mas a melhor defensa são as Espingardas dos moradores: o Capitão he prouido, E tem o mesmo exercicio, Como o Capitão de Senna, Comessa a Sua jurisdição desde o Rio Anoerenga, athe 10. legoas asima de Tete, e nella tem ElRej de Portugal 80 Vassalos Câfres.—

O Imperio de Manamotápa se chama Moeranga Comessa pella banda de loeste Com outenta legoas de Costa, E para o Sul, Com o Comprimento do Rio Zembezi athe o Reino Boma: os Rejnos sogeitos a este Imperio São, que teue, Manica, Raro, Botenga, Maungo, Riri, E Boeça.—

Os Fortes que temos neste Imperio he o de Mayoval, na borda do Rio deste nome, o de Luanze, onde os Portuguezes fazem as suas feiras, o de Dambarare, onde tambem se faz feira o de Maçápa, onde se recolhem os moradores, o de Matafune, onde há minas de ouro, o de chiperiuiry onde se Caua ouro, o melhor de todos, E o que mandou fazer Dom Nuno Alvres Pereira, sendo Capitão de Moçambique na mesma Corte do Emperador, Com 30 Espingardeiros de goarnição, os Contratatadores das mercancias, são os mesmos Cafres Captiuos que fazem tudo Com muita Lealdade.—

Descripção das Ilhas de Angoxa.—

As Ilhas de Angoxa, he hũa Corda de Ilhas que Comessão trinta legoas de Moçambique para o Sul, das quais hũa somente he habitada de Mouros, Com seu Rej, sogeito a ElRej de Portugal, E tem mil e quinhentos moradores Entre mouros, e cáfres o trato desta Ilha he do Capitão de Moçambique, que o Comprarão aos Reys por dous mil E quinhentos Xerafins cada Anno. E asim tem lá seu feitor.—

As Ilhas de Angoxa, que Estão ao Mar são sete, E todas dezabitadas passace por entre Ellas E a terra, por distancia de hũa legoa, em 8. athe 9. braças; E antes da barra de Angoxa quatro

legoas, Está hũa Coroa de arêa, em descuberto, tres legoas ao Mar, a que chamão Santo Antonio Cerca a todo o a recife pella banda do Mar, bem p ª temer, E mais adiante quatro legoas Está a Ilha de Mafamede que hé a primeira Ilha de Angoxa, dezabitada, na mesma Corda, mas menos distante da terra: mais adiante duas legoas Está outra Ilha, que he a segunda chamace Inhatimbi, defronte della, Em terra firme, está hũa barra para hũ pataxo pequeno, adiante desta Ilha, Está hũa Coroa de arêa, que quazi se cobre de agoas viuas; e adiante duas Legoas está a Ilha de Macute, a que algũs chamão da arvore; desta Ilha que he, a quatro, de Angoxa / mais Largo ao Mar hũ pouco./ Couza de sinco legoas por Costa, Está hũa Coroa que chamão Moma, E dali a sete legoas por Costa mais perto da terra, estão duas Ilhas perto hũa da outra, abaixo da Barra de Mocolongo, a primeira, se chama de Mocolongo, E a outra das arvores, porque as tem muitas, e grandes; desta Ilha, Couza de hũa Legoa, está hũa Coroa de area, que tambem de agoas viuas quazi se cobre, desta Coroa tres legoas boas, avante; Couza de Outras tres Legoas afaztada da Costa que nenhuma das apontadas; Está a Ilha do fogo, mayor Em roda, que nenhũa das outras, e de Arvoredo mais fexâdo, E baixo; — avante desta Ilha do Sudueste fica hũ baixo de arêa, Como os atrâz mas mais para temer, porquanto se cobre de prea mar, quer Com agoas viuas, quer mortas; de dia sempre se ue bem arebentar o Mar, sobre elle, mas de noute hade mister grande resgoardo; todas Estas Coroas, e Ilhas, se hande temer de noite pellos arecifes que botão pella banda do Mâr, E como he muito alcantilado, a sonda he de pouco proveito porquanto quando se achão em vinte braças E querem tornar a Lansar o prumo, estão já sobre os baixos, que tudo he roxa viua, nenhuma destas Ilhas tem agoa, mas no seu tempo, muitas E as melhores sangomas, que se sabe por aquela Costa, (Com serem todas boas,) Entre as Ilhas, e Coroas de Angoxa athe Moma, E té vista da primeira Ilha de Mocolengo Couza de duas legoas grandes, ao Nordeste quem quizer Entrar para dentro, vindo de Mar em fora, não tem mais que goardarce do que vir arebentar, tem fundo de dentro das Ilhas de 10. — athe 16.— bráças, perto de terra muito limpo e seguro para Surgir;— os que Costumão hir de Moçambique, para os Rios, nauegão Com muita segurança por Entre ellas, desde dentro de

Quilmance athê perto de Inhatimby, Com o prumo, por muito escuro que fassa, porque tudo he limpo, e não ha mais que goardar, de não passar de nove braças para o Mar, nem de seis p.ª a terra. —!!—

Descripção da Fortalleza de Mocambique.—

A Fortaleza de Mocambique, Estâ plantada Em hũa Ilha, na Costa Oriental de Africa, na Região dos Cafres, Em altura de quinze gráos da banda do Sul; a Fortaleza foy fundada pello Vice Rey Dom Francisco de Almeida no anno de **1505**.—tem Capitão provido por ElRey; Com a goarnição de gente E Artelharia necessaria p.ª Sua defenção. Com os officiais de juztiça e fazenda, Com o pouo Em forma de Cidade, Com a Caza da Mizericordia E Hospital, E no Ecleziastico, tem Administrador; e vigario Geral na Matriz, o Sustentão os Padres da Ordem dos Pregadores; o porto he de grande trato, de ouro das Minas de Cuama; he terra fertilissima, de muito ouro de Manamotápa, E de Sofala Com muita região de Elephantes Com muita riqueza de Marfim, E muitos Cafres valentes.—

Asistem sempre nesta Fortaleza trezentos Soldados, Com hũ Capitão de Infanteria, que Serve de sargento Mayor; mas pellas doenças da terra, e pellas guerras dos Ryos, nunca este numero estâ completo; tem cada soldado, de paga cada mez quatro Cruzados de mantimento; E Cada trez Mezes **10**. Cruzados de quartel.—

Tem esta Ilha meya legoa de Comprido, E de largo, hum tiro de Mosquete. tem esta povoação **70**. Cazaes Portuguezes, e cada hum terâ mais de vinte Captiuos, Com mestiços da terra, tomarão armas **220**. pessoas.—

Na terra firme das Cabaçeiras tem Os moradores da terra, as Suas Ortas donde se uão recrear.—

Navegace de Goa p.ª Moçambique de Janeiro athe Abril. e de Moçambique para Goa, de Julho athe Setembro, E de meado Abril athe meado Mayo.—

Tem esta Fortaleza hũa Igreja Matriz, hũ Comvento de Dominicos Outro da Companhia, Mizericordia, e Hospital. E duas Ermidas, Santo Antonio, E Nossa Senhora do Baluarte, e outra de N. Senhora da saude, com renda p.ª Sustentar quatro Religiosos.—

O destrito da Ilha hê o mais largo de toda a India, pois domina os Reys Confinantes, E a muitos dos Ryos de Cuama, o primeiro seu Confinante se chama Mosurâ—Senhorea **22**. legoas de Costa, desde Somoroco athe a barra de Mongincale, E Sertão athe Quilimane o poder deste Rey será athê vinte mil homens de armas, E athê molheres leuão â guerra; Suas armas, são arcos, flexas, azagáyas, E hũas rodelas de pao, cubertas de Couro do tamanho de hũa pessoa: nos alojamentos lhes servem de trincheira; o trato desta gente, he Marfim, E Machilos, que são hũs panos de algodão que Costumão vestir. a terra he fertil, E abundante de todos os fructos, principal mente de Hespinho; mas Como os Naturais são preguiçosos Carece de alguns por falta de Cultivação. a ley que Seguem he não Seguirem ley.—

Mossura —

Dezcripção das Ilhas de Querimba.—

São Estas Ilhas da jurisdição de Moçambique **60**. Legoas p.ª o Norte, a primeira se chama Quesiba, não passa de hũa Legoa, e está junto da terra firme, maz sem váo, não tem agoa maiz que de Cisternas, tem váqas que bebem da dita agoa, e Cabras que bebem agoa salgada, o Senhor della he Portuguez.= E alguns são tambem moradores della.—

A Ilha do fumo que Está mais adiante, tem a mesma grandeza, mas como tem agoa hé mais fertil, tem o mesmo Senhorio e moradores.—

Segueçe logo Querimba, onde está a Matriz, terâ duas legoas de roda, tem muita agoa, fructos, e Seáras; o senhorio desta hê S. Magestade.—

junto destas estão duas Ilhetas A que chamão IBO que as parte hum Rio, que debaxa mar se sêca, as quais tem senhorio particular, tem agoas, fructos, E fortificação, p.ª se defender da terra firme, que lhe fica perto com o váo.—

Adiante Está Matemo que tem 7 legoas, tambem tem Senhorio particular; os Mouros lhe chamão Meluane que quer dizer Cabeça de todas as outras.—

Macaló ahi fica logo, Ilha pequena, muito agreste, mas Com agoa e fructa, E senhorio particular, logo Estão as Ilhas dezertas, que chamão dos passaros, E adiante o Ilheo de Nipolulo Com seis Ilhas maiz que todas são de hum dono: O Ilheo he ametade de terra e ametade de ferro.—

Quifique que tem hũa Legoa, Misse que tem tres Legoas, Congo que tem duas, todas são de Varios donos, Com agoa e fructos, E Missa tem algũ ambar Toamasse tem mais de hũa Legoa tem animais mas não tem agoa; todas estas Ilhas, Correm de Querimba para o Cabo delgado.—

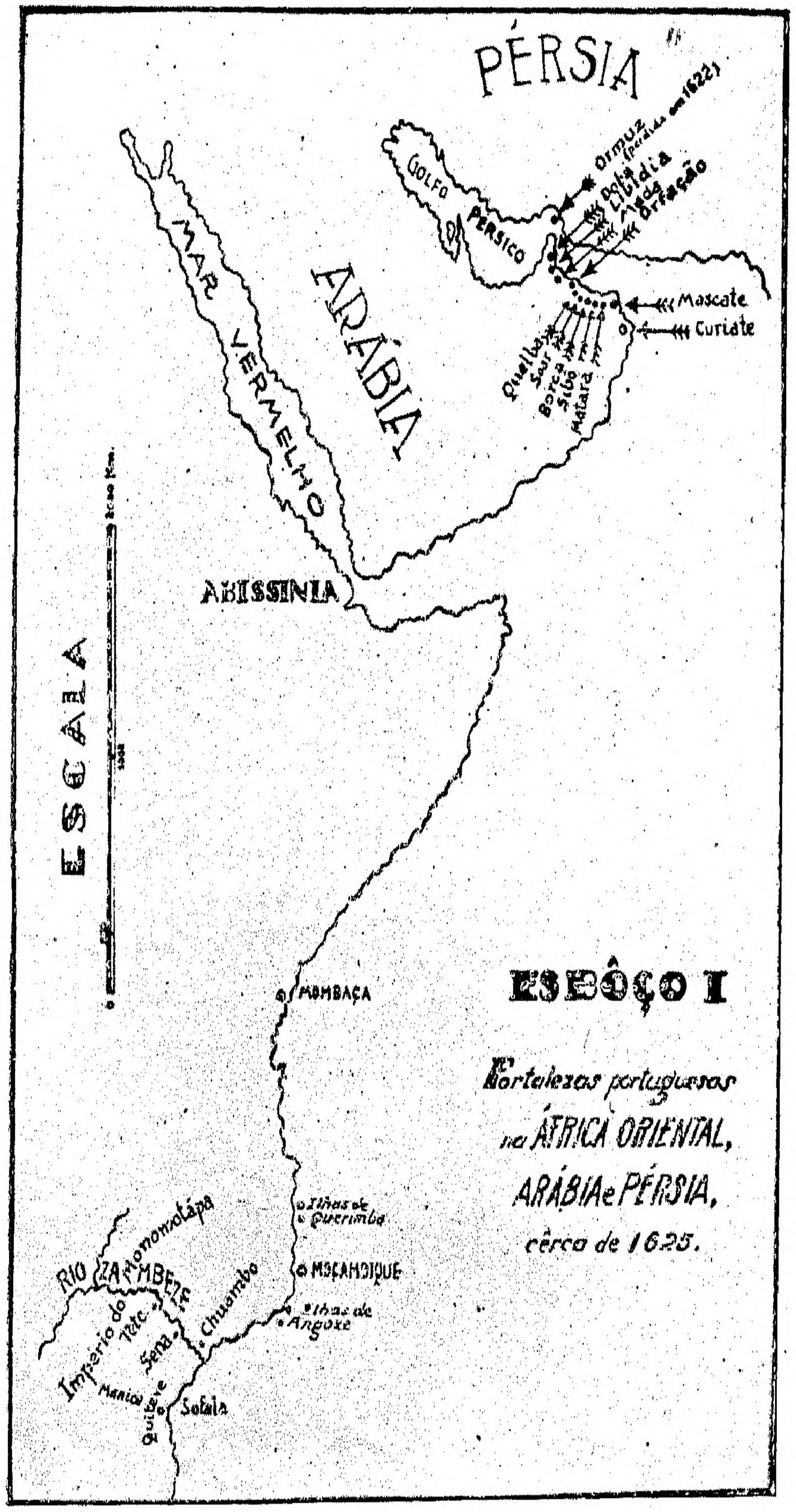
Descripção da Fortaleza de Mombaça.—

A Fortaleza de Mombaça, Està plantada Em hũa Ilha, na mesma Costa Oriental de Africa, na região dos Cafres, E zimbas, Em altura de quatro graos austrais, a Fortaleza foi fundada pello Vice Rey, Mathias de Albuquerque, no Anno de 1590.—tem Capitão provido por ElRey, Com goarnição de gente e Artelharia necessaria para sua defensa, Com os officiais de justiça E fazenda, Com o pouo Em forma de Cidade, Com a Caza da Mizericordia, e Hospital, E no Eclesiastico Vigario Geral na Matriz, e hũa Caza da Ordem de São Domingos, o porto, E o trato he do Marfim, E muitos Escrauos daquelle Sertão de Melinde, a terra he fresca, e produz todo o genero de graõs, e os Matos São de Larangeiras.

No Anno de 1594.—se tornou a reedeficar na forma que se ué adiante; o fosso desta fortaleza tem trez braças de largo; Na boca, E no fundo, e de alto duas braças E meya, cortada na Roxa; os baluartes tem mais alto terra pleno que O muro.—

O prezidio desta Fortaleza hê de Cem Soldados, dos quais **75.** lhe asistem, E os **25.** estão nos trez Fortes de Macupa, que estão ao redor da Ilha Na praya, para tolher a passajem aos Mosungulos: tem Estes fortes algũa Artelharia de pequeno Calibre.—

Corre a Costa de Mombaça o mesmo Rumo, que a de Moçambique: tem a Ilha de Mombaça pouco mais de hũa legoa de Comprido, e meya de largo, que toda he de S. Magestade, E afora os moradores, tem mais **12** povoaçoens na terra firme, que Incluen o Rejno de Mombaça, e cada hũa daz povoaçoens paga a Sua Magestade Vinte macandas de milho, que Cada maCanda he hũ Candil, tem S. Magestade todos os Annos 60 Candiz de milho que


PÉRSIA
GOLFO PERSICO
Ormuz (perdida em 1622)
Dofar
Libidia
Madá
Orfação
Mascate
Curiate
Quelbat
Sair
Borca
Sibo
Matará
MAR VERMELHO
ARÁBIA
ABISSINIA
ESCALA
MOMBAÇA
Ilhas de Querimba
MOÇAMBIQUE
Ilhas de Angoxe
RIO ZAMBEZE
Monomotápa
Imperio do
Tete
Sena
Chuambo
Manica
Quiteve
Sofala

ESBÔÇO I

Fortalezas portuguesas na ÁFRICA ORIENTAL, ARÁBIA e PÉRSIA, cêrca de 1625.

lhe pagão estas povoaçoens de tributo; he mais de S. Magestade todo o ambar que der â Costa neste Reino, Como tambem toda a Renda do Amfião, E tabaco, E as passagens de Tuaca, E Matuapa, E a Compra de todo o Marfim, pagando álem disto, hum Cruzado de direito cada faracula.—

Os Reys de Pate, Ampaza, e Lamo, paga cada hũ Cem pardaos de Larins, que São =150= Xerafins e o Regedor do Cio =50= que vem a fazer todos =525= Xerafins.—

Pella Costa asima de Mombaça =60= Legoas ao Norte estâ a Ilha de Pati, Ampaza, E Cio, de trez legoas E meya de Comprido, E duas de largo; Em a qual estão estes trez Reynos, O Rey de Pati he mais poderoso, E o mais amigo dos Portuguezes, E Consentio nas Suas terras hũa Alfandega nossa.—

O Rey de Ampaza, tambem hê Vassalo de ElRey, tem na sua terra Igreja nossa, Com hũ Vigario, frade Agostinho; o que nunca quiz Consentir o Rey de Pati; o Reino de Cio, que estâ Entre Estes dous, não tem Rey, governace por gouernadores, não são muito nossos amigos, ainda que tributarios; he esta Ilha fresca de ares, E fructos, não tem fazendas, maiz que o Comercio de algum ambar, E Algalia. São os habitadores desta Ilha Mouros Arabios.—

A Ilha de Lamo que está junto desta, porque a devide hũ Ryo, he pouco mayor que a de Pati, Cujo Reino, he tributario a S. Magestade, e o Seu Rey se tem por mais nobre, que os Vizinhos E no demais, Igoaiz.—

Dezouto Legoas para o Norte, de Mombaça esta o Reyno de Melinde, na terra firme Cujos moradores forão Sempre amigos dos Portuguezes, e não tiramos desta Comonicação e amizade, mais que algum gasto.—

A Ilha de Pemba Estâ =18= legoas de Mombaça tera 15= legoas de roda; he terra muito fertil, os Seus moradores São muito prezumidos; da Ilha para a terra firme ha Outras Ilhetas, que São de particulares.—

A Ilha de Zamzibar estâ =40= legoas de Mombaça p.ª o Sul tem sincoenta de Roda: he habitada de Mouros Arabios, Com Seu Rej muito amigo dos Portuguezes que vivem Com elle muitos, aos quais dá Rendas, e Consentio Igreja Nossa, Com Seu Vigario, frade Agostinho.—

Pello mesmo Rumo =60= legoas de Mombaça está a Ilha de

Momfia Em forma triangular Com = 23 = legoas de Comprido; e de Largo 10. — he a mayor, de todas daquella Costa, tirando a de São Lourenço; ha nesta Ilha muita madeira, E tão grossa, que fazem embarcação, de hũ só páo, em que Cabem sincoenta pessoas, tem esta Ilha muito breu que hê a saca dos Capitães de Mombaça, donde tem sua feitoria, he esta Ilha sogeita a ElRej de Quilóa;—

Há junto desta Ilha trez mais chamadas Amxolo, Crazibendo, Cada hũa de pouco mais de meya legoa, hâbitadas de Mouros, Com obrigação de dar de comer o primeiro dia a qualquer Portuguez que ali chegar. –

as fazendas que saem da Costa de Mombaça, he Marfim, ambar, e algalia, Seda, e Cafres, e mantimentos, Com que se prove a Fortaleza de Moçambique, as fazendas que leuão para lá, são roupas, ferro E aroz, porque só na Ilha de Pemba o hâ.—

Tem a Fortaleza de Mombaça hum padrasto, da outra parte do Ryo, sobranceiro â Fortaleza, em distancia de trinta passos a que chamão Baluarte dos Turcos.—

Descripção da Fortaleza de Curiate

A Fortaleza de Curiate, Está doze legoas antes de Mascáte; para o Cabo de Rosalgate, Sita na Costa braua, â borda da praya, onde não ha Rio nem enseada nenhuma, mais que hũ Ilheo pegádo, E contiguo â terra, que he so mente Ilhêo, Em lansar ao Mar, hũ outeiro pequeno o qual Em agoas vivas, fica Em nado, neste lugar se abrigão algũas Embarcaçoens de pescadores pequenas, do Sul, e Sudueste, Está neste Ilheo hũ baluarte, Couza pequena, do tamanho de hũa Caza, — **10** – passos grandes não ha fundo ao longo em quadro, que se fez para plataforma de Artelharia, a Fortaleza de Coriate, he hũ parallelo gramo, tem trinta passos de Comprido e de Largo **30**. = he fabrica dos Mouros da Arabia, os muros são adobes tem quatro e meyo de alto, E de grosso, trez palmos, tem outenta soldados, Com hũ Capitão, hum tiro de Falcão, desta Fortaleza, entre hũs palmares. está outra em forma triangular que serve para defender as correrias; Estão mais junto della duas povoações dos Arabios, de trezentos moradores Cada hũa, forão Estas Fortalezas de ElRej de Ormuz, e elle as entregou a Ruy Freire, que quando la mandou, já achou Rezistencia Em Senhorealas

he Esta terra muito fresca; o gazto destas Fortalezas paga Mascáte.— e Recebe tantos fructos de Curiate, que quazi fica a Receita pella despeza.—

Descripção do Forte de Matárâ.—

Em hũa Bahia, meya legoa ao Noroeste de Mazcate que chamão Matarâ, mandou o Capitão general Ruy Freire, fazer hũ Forte como se ué, para alojamento das Fazendas que vinhão da Serra, e não podião chegar a Mazcáte, por falta dos Caminhos, asistelhe de prezidio hũ Capitão Portuguez Com trinta Lascarins.—

Descripção da Fortaleza de Mascáte.—

A Fortaleza de Mazcate Estâ plantada, Em hũa Enseada na Costa Septentrional da Arabia no Mar Persico, Em altura de vinte e trez graos, E **40** = Menutos; a Fortaleza foi fundada por Belchior Calaça, por Ordem do governador Manoel de Souza Coutinho, no Anno de 1588. = tem Capitão provido por S. Magestade Com a goarnição de gente E Artelharia necessaria para sua defensa, Com a Caza de Mizericordia, E Hospital, Com o pouo em forma de Cidade, E no Ecleziastico Vigario na Matriz, Com hũa Caza da Ordem de Santo Augustinho; o porto he de grande trato, de Cavalos, E tamaras de Arabia, Com abundancia de ..... : o seu porto como fica Entre serras he abrigado a todos os ventos; Com a Capacidadede de recolher nelle vinte galeoens, E vinte, ou trinta galeotas, junta mente Comessa em = **20** = ou = **25** = braças de fundo, athe **6** — E **7** — junto â praya demóra sua Entrada ao Sueste, Com Largura, de hum tiro de ezpingarda; naz duas pontas da barra estão de hũa banda, hũa vigia em que estão = **8** = Lascarins, os da outra banda que he da parte da Fortaleza, o Forte de Santo Antonio; que são duas plataformas, Com Artelharia, para defender os Surgidouros de dentro, e fora da Barra.—

Para a banda do Noroeste, tem este Fortaleza outra praça fortificada, que chamão Quelbúque Se proue de Mazcate Com gente e Artelharia; os Soldados deste prezidio, são quinhentos; mas Como vão na Armada ao Estreito da Persia, nunca asistem todos nesta Fortaleza. Sempre S. Magestade tem hua armada de

40=Nauios, ou mais, E ora menos tem mais a goarnição desta fortaleza trezentos Lascarins mouros, Com dose Capitaens, dos quais se provem as Fortalezas do Estreito;—

Os Senhores Vizinhos, que morão no Sertão desta Fortaleza São mouros chamados Xéques, os quais tem hũ serto quinhão da Alfandega de Mazcate, aquem elles chamão quiazes, concedidos hâ muitos Annos por hauerem dado lugar em que se fundou Esta Fortaleza; são muitos estes Xeques, E vivião todos livre mente, mas de Annos a esta parte se sogeitarão a hũ, a que lhe derão titolo de Iman, e lhe derão o poder asim temporal Como Espiritual Comforme Os Seus Rittos, e lhe pagão os dizimos de todos os fruitos, E quinto dos adquiridos, e Este hê obrigado a fazerlhe goardar justiça, E a tiralos de roubos, e de maneira os predomina, que os obriga Espiritual mente, Com escomunhoens Como se forão Christãos: Viuia Este Iman. Em Mizua, quatro jornadas de Mazcate, maz por tão Intratauees Serranias, que São muito pouco de temer as Suas Armas, as quais Como são de quem professa a Ceita de Mafoma, são sempre nossas Contrarias; os Xêques mais Vizinhos Comservão paz pellos quinhoens que leuão, que são hũ e meyo, por cento.—

As fazendas que a terra produz São tamaras, passas de Uvas, Caualos, panos de Lãn de Camelo, a que chamão Cambolim, asucares de pô E pêdra, Incenso, azeure, não tão bom Como o de Sácotorâ, Caoa que he hũa semente de que se faz Cozimentos p.ª ConSertar os estamagos, E algodão: o mayor trato dos Naturaes hê de Cavallos para a Persia, produz a terra muita Seuada, algum trigo, E legumes.—

O Suztento Ordinario daquella gente he tamaras, E peixe, E daz Carnes Cabra, E Carneiro, a mercancia que gazta, he roupa, Courama, ferro, o azeite que fazem, he de jerzelim;

Lascarins são Comu mente das terras de ElRey Mogostão, que forão de ElRey de Ormuz; E outros que chamão Baluchos, Vassallos de ElRej de Mocorão que Como todos estão hoje sogeitos ao Perssa, não podendo sofrer a sua tirania, querem antes seruir Com nosco: O Clima desta Fortalleza, he muito Sadio, o Ventos que o Curção he o sul, E o Noroeste, a que Elles chamão Cauxi, E Xamal, Em todo o Anno Se nauega, para o Estreito, E para outras muitas partes.—

Dezcripção da Fortaleza de Sibô.—

Quatro legoas ao Noroeste, de Mascâte, tomou o Capitão General, Ruy Freire, aos Arabios o Forte de Sibô na forma que se ué, tem de prezidio hũ Capitão Portuguez Com outo Soldados Portuguezes E **30**. Lascarins.

Descripção da Fortaleza de Borca.—

Maiz adiante pella mesma Costa E Rumo dose legoas de Mascâte, Está Outra Fortaleza chamada Borca, situada Em Costa braua, do mesmo talho que a de Sibo. Em triangolo, Com trez BaLuartes Como se ue, o porto he mais frequentado de todos os moradores das principais Cidades da Arabia; tem Capitam Portuguez Com os mesmos Outo Portuguezes que Sibô, E trinta Lascarins, que a Vigião e defendem; he feita de adobes, Como são as mais das fortificações da Arabia, tomou a o Capitão General Ruy Freire, ao senhor della, por seruir de grande abrigo aos ladroens asim do mar, Como da teara; E por não dar cuidado a Mazcate, e não lhe devertir as fazendas do Sertão, em que tambem lhe podião entrar; E lhe são de tanto este, dous Fortes de Sibô, e Borcâ, que sem elles não poderâ Respirar, Mascate; porque Como vay Cressendo muito Em povo, hade mister muitas Vitualhas, E couzas importantes, das quais a mayor parte lhes hade vir de fora, pella grande esterelidade e Serranias de Mazcate onde se não Colhe hũa folha verde.—

Tem este porto para a parte do Mar huns ilheos que chamão de Suauis (?), abrigo para pescadores que morão na mesma povoação, e pella parte da terra, huns Campos mui Estendidos, que dão pasto a muito gado, de toda a Sorte, E a partes se lavra a terra, de que se Colhe Seuada, porem Com tanto trabalho, que he necess.^{ro} Emquanto Está na terra, se tire agoa dos possos para a regarem athe que Seja madura, E do mesmo modo Correm Estes Campos athê Soar.—

Descripção da Fortaleza de Soar.—

A=**24**=gráos da banda do Norte na Costa da Arâbia, Estâ a Fortaleza de Soar, hum pouco afaztada do Mar, Em hua enseada, que tem **24.** Legoas de ponta a ponta, dos Ilheos de Suauj athê Orfação, â forma da Fortaleza hé Como Se ue e Sua Capacidade hê de sessenta passos Em quadro, os muros São de adobe Cozido, tem de grossura de **14.**— athe = **18** = palmos, Escarpado, tem agoa de possos dentro.—

O prezidio desta Fortaleza hê de trinta athe quarenta homens o Rendimento della he de duzentos pardaos de Larins da alfandega que está nâ Ribeira, tem palmares de tamaras, que São de ElRey, Cujos fructos se Repartem por **250.** Lascarins Com seus mocadoens que estão de prezidio na Fortaleza.—

Os Mouros que morão neste Lugar, taobem tem Palmares, e Semeão Seuada, E legumes, tem Soar muita Caça de gazelas, Veâdos, perdizes, rolas, e Codornizes, Cação Com falcões az gazelas, pondo primeiro a hũa mança Carne no Rosto, para que dezpois Cuidando todas az perturbem, e detenhão atê que as alcancem.—

Az fazendas do Comercio São as mesmas que as de Mazcate as Nauegaçoens São Em todo o tempo, excepto Em janeiro, e Feuereiro, em que São azperas as trauessias, a Costa não tem baixos, a terra he doentia aos Estrangeiros.—

Foi Soar mui antiga povoação, porque no anno de Seis centos E hũ se achou nas Rujnas da muralha grande quantidade de moedas de Tiberio Cezar. nos Ilheos de Suauj se pesca âz vezes aljofar.—

Descripção da Fortaleza de Quelba

Nove legoas de Soar, Está a Fortaleza de Quelba, Como se ue, afaztada da praya hũ tiro de Falcão de = **16** = braças Em quadro, Tomou esta Fortaleza aos Mouros, Gaspar leite no Anno de 1624.— por ordem do Capitão general Ruy Freire, gouernandoa Lazmi hũ Mouro de grande fama tem de prezidio hum Capitam Lazcarin Com trinta Soldados, Com os quais goarnece hũ Reduto que está na praya.—

Dezcripção da Fortaleza de Orfação.

Trez legoas de Quelba, E dose de Soar, está Orfação, na forma que se ue, foi feita esta Fortaleza, por Gazpar Leite, no

Anno de 1620 — e hê esta a primeira enseada, Em que Surgem as armadas que vão de Mazcate, por ser abrigada de todos os Ventos donde fazem auguâda, tão abundante he de agoa, Cuja bondade he a melhor da Arabia.—

Dezcripção da Fortaleza de Mada

Duas Legoas de traz de Orfação, Está Mada, fabricada Como se ue, duas legoas pella terra dentro, ao pêe de hũa Serra, junto a hua Ribeira muito fresca, Com muitos Palmares E Arvores de fruita, junto a hũa pouoação de trezentos Vizinhos que ajudão a defender a Fortaleza fella Matheos de Ciâbra no Anno de 1624.— por ordem do Capitam general Ruy Freire, para defender a passagem que fazião os Arabios para a saltarem as Fortalezas da praya; tem de prezidio hũ Capitão Lazcarin Com trinta Soldados.—

Descripção da Fortaleza de Libidia.—

Hũa Legoa de Orfação p.ª o Norte na praya, esta Situada a Fortaleza de Libidia Como se ue Em hũa praya Emparada do Sul, Sudueste, Noroeste, E Oeste, Sua povoação he de duzentos Vizinhos fundoua Matheus de Siabra no Anno de 1625.— por mandado do Capitão general Ruy Freire. — tem de prezidio hum Capitão Lazcarin Com vinte Soldados.—

Descripção da Fortaleza de Doba.—

Duas Legoas de Libidia Está a Fortaleza de Doba de Sete braças Em quadro, de altura quatro; E de largura Onze palmos, de pedra, E cal, por fora da Fortaleza Vai hum muro Com seus Torreoens que Cerca a Cidade, que terá mais de dous mil Vizinhos, Arabios, este muro he feito de adobes Com altura de Vinte e sinco palmos.—

Na ponta de hum Palmar, junto a esta Fortaleza, esta hũa Pouoação a que chamão Dubó de athe duzentos Vizinhos, a qual tambem está Cerca da de muro, Com hum Forte de dous Baluartes;

Da outra parte de Doba Mocumby Lugar de ate trezentos Vizinhos, os mais delles marinheiros, tambem Cercada de muro Com Seu torreão, e Baluartes; Sustentãoce este pouos de peixe que pescão E do fructo de Palmares. aqui se faz pescaria de aljofar.—

O Capitão general Ruy Freire, tomou Estas pouoações a Iamis hum Mouro Leuantado no anno de 1624— derrubando as fortificaçõens antigas, mandou fazer estas, pello Capitão Gazpar Leite Pereira; tem de prezidio esta Fortaleza, hum Capitão Lazcarin Com trezentos Soldados, e quiz por esta maneira Ruy Freire, Segurar Com esta Fortaleza toda a nauegação de Mazcate.

Descripção da Fortaleza de Ormuz.—

A Fortaleza de Ormuz Está plantada numa Ilha no Mar no seyo Persico, Em altura de =**27**= graos Septentrionaes; a Fortaleza foi Conquiztada, e fundada pello Invenciuel Capitão Afonso de Albuquerque no Anno de 1509 — tem Capitão provido por S. Magestade, Com a goarnição de gente e Artelharia necessaria para sua defensa, Com os offissiais de justiça e fazenda, Com o povo em forma de Cidade, Com a Caza de Mizericordia, E Hospital, E no ecleziaztico, tem Vigario geral na Matriz, E hũa Caza da Ordem de Santo Augostinho; E o Rey de Ormuz, posto que gouerna seus Estados, todavia, he sogeito, E tributario a ElRey de Portugal, o porto he de grande trato, de Arabia, Pérsia, Bassorâ, E Armenia, E Turquia, por via de Veneza, e Alepo, E he muito frequentada de suas Naos, por ser de grande trato de Caualos, E de muito ricas sedas, E alcatifas, e outras muitas couzas.—

Dezcripção da Cidade de Baçorâ.—

A Cidade de Baçorâ Está dose Legoas por dentro de hum Rio de seu mesmo nome, junto a hũa Fortaleza que chamão Setteralão, he abitada de Mouros Arabios: mui populosa; a Entrada de sua barra, tem muita deficuldade, E asim hade mister mui destros pilotos; he Cidade de grande trafego, pellas Cafilas, que lhe vem de Alêpo, he tão grande a sua Escâla que a todos os Nauios, da Ilha darão Carga; são os Arâbios de Baçorâ, Corpulentos, E brancos, mas frácos E pussilanimes; hê Esta terra frequentissima: tem todas as fruitas de Portugal, E grande Copia de Vinhos, muita marmelada, Estimace lâ muito a âlgalea. E val muito; —— tem este Rio trez Ilhas muito grandes, de seis legoas de Comprido, E meya de largo; muito frescas Com muita fruita, Com grandes Sementeiras, E Palmares.—

A alfandega de Baçorâ hê a mais fauorauel aos Portuguezes, temos Em Baçorâ duas Igrejas, huã de Carmelitas, outra de Augostinhos, que Excercitão os Sacramentos aos Portuguezes que lá Estão; Comfina Com Baçorâ o Rejno de Bambaroe, sogeito ao Persa, mas todos os moradores Christãos, E se Baptizão no Rio; dizendo Eu te Baptizo, asim Como São João Baptizou a Christo, São todos officiais, de ourives, ferreiros, Carpinteiros, E ezpadeiros; as molheres São Caztissimas, E principal mente as Cazadas, quando se Cazão, Vão ao Rio despidos, da Cintura para báxo, donde ajuntando os pescoços tocão nelle Com hũ Cajadinho; E estão apartados hũ mez E despois Com esta mesma Ceremonia lhes dão licença para se ajuntarem.—

De Baçorâ Vai hũ braço de Ryo para a Cidade de Catifa, da qual tomou o nome; que fica situada na Arabia Felix, junto á Ilha que Se chama Tanorá, defronte dos baixos do verde, = tem poucas fazendas, porque sô o Baxâ os seus filhos são os Mercadores; o que lá val são Roupas pretas do Sinde, E Cambaya; o que se de lá tira, São Os melhores Caualos do Oriente; e muito aljofar meudo, vem algũa tamara, pella terra dentro hâ hũa Fortaleza a que chamão Lassa, donde são os melhores Caualos, o Baxâ de Catifa obedece ao Turco.—

Dezcripção de Congo.—

Na Persia = **86**.= Legoas de Mázcâte Está o porto de Congo, na Costa braua, Com pouco abrigo, nesta praya Está huã Povoação de athê duzentos Vizinhos Persas, E Arabios, E afora Estes, muitos outros, que Viuem por aquella praya Em tendas de Campanha; tem aqui os Portuguezes hum feitor: az fazendas que La uão São Roupas, Courama anil asucares Cahõa, E tirace por estas fazendas, prâta, Ouro, pássa branca, amexa passada, amendoas, agoa Rosada, mauna (?), Ruy barbo, Seda Crua, meleques de ouro, E prata tafiziras, tafettâ. chamalotes, alcatifas de Dios, que he huã Cidade da Persia.—

Em Aspão que he a Corte do Xá, tem os Portuguezes hũ Convento de Carmelitas, E outro de Augostinhos, a Alfandega deste porto de Congo não tem rendimento Certo, porque nunca os Mouros acabaõ de pagar, E jâ hoje por falta de rendimentos temos deixado todas az terras da Costa da Arabia.—

Dezcripção das Viagens do Cinde.—

De Mazcate=130.=legoas, na Costa da Persia, na boca do Ryo Indo, Estâ o Cinde, demarca este Ryo ao Noroeste, E Sudueste, por entre hũ banco com duas braças de fundo, Em baixa mar terá de largo, meyo quarto de Legoa, Estendece o braço para o Leste athe a Restinga de Dobá, tem outra boca Este Rio, por entre hũas Ilhas que chamão moneras, trez legoas ao Noroeste de Cinde, e oito legoas ao Leste;—Está outra boca, a que chamão Daraya, na Cabeça da Restinga de Dobâ por onde não entrão embarcaçoens grandes; nauegace pella primeira=4=legoas athe chegar a Bandel, aonde está a nossa alfandega, que he hũa povoaçaõ grande; daqui para Sima, Nauegão embarcações pequenas, que leuão fazenda ao Rejno de Cinde, que he huã Pouoação grande de 150:000=fogos sogeitos hoje ao Mogor; E sua escala, para se prouer de tudo quanto a India tem, asim de Ouro, prata, aljofar; tamara Cocos, Cobre, E algodão, e tirão de lâ Roupas, anil, asucar, E amfiaõ; A terra hê muito abundante de mantimentos, E Carnes, E fazem tanta roupa que há em Cinde trinta mil teares, E Carregão todos quantos Nauios lá forem hauendo Nauio que leua Coatro Centas mil patacas de Cabedal; temos nesta Cidade huã Igreja de Carmelitas, que serue só aos Portuguezes, por que os da terra Nenhũ Se ComVerte. no Bandel temos, hũ ComVento de Agostinhos, e ambos se Sustentão de esmolas; tem aqui S. Magestade hũ feitor sem ordenado mais que o que lhe pagão os Portuguezes que he hũ tanto por Cento das fazendas, tem liberdade de poder fazer Vinho, que o faz de jagra, e da Cazca de hũa aruore que chamão joto.—

Dezcripção de Cacha.

Adiante do Rio Daraya a .50. legoas Está o porto de Cacha Com muitos Rios e povoaçõens pequenas gouernada por hũ Rey gentio chamado Resputo sogeito ao Mogor, Leuase a este porto Congo, tamara, Coco Copra areca Cauri e pimenta, e tirace, algodão ferro manteiga, azeite, trigo, grãos Mungo milho Bazari e Cauallos.—

Descripção de Naganâ.

De Cacha=60=legoas adiante por esta enseada, no fim della esta o Rio Naganâ que demôra ao Norte Aqui está huã pouoação do mesmo nome Leuãoce, e tirãoce daqui as mesma fazendas que de Cacha, mas com mais frequencia, pella uerdade dos Seus naturais: nesta mesma enseada para o Sul ha outo Ilhas habitadas de Sanganes que São gentios que Viuem de Rapina.—

Dezcripção da Ilha de Barem.—

A Ilha de Barém Está na mesma Costa de Catifâ ao SuduEste, tem grandes baixos ao Redor; e asim Sempre se buzca de dia Com bons pilotos; he Ilha muito fresca, e abundante, maz muito doentia a Respeito da agoa, que passa por Minas de Enxofre; a boa agoa Está duas braças de baixo da agoa Salgada, sem nenhũa mistura, Em muitos olhos, diferentes, E lanção Com muita força para Sima, e lâ se uai buzcar, em odres, que se poem Com grande força Com a boca para baixo, para que a furia da agoa o não afaste, E entre algũa Salgada.—

Tem esta Ilha duas Fortalezas, Com prezidio de Persianos, tira desta Ilha grande lucro o Cam de Xiras, Cuja he, E pága a ElRej da Persia Oitenta mil patacas de tributo, pella pescaria daz Perolas â qual se ajuntão seis centas embarcaçoens.—

Dezcripção da Fortaleza de Dio.—

A Fortaleza de Dio Está plantada Em hũa Ilha, na Costa do Estimo da terra firme de jaquete, na enseada de Cambaya Em altura de **.20** — graos E = **35** = menutos Septentrionais; a Fortaleza foi Conquistada pello Vice Rej Nuno da Cunha, E fundoua no anno de = **1520** = pello Capitão Antonio da Silueira, que a defendeo por Valor de Armas do grande poder de Cage Sofar, Senhor daquella terra de Jaquete; a Fortaleza tem Capitão porvido por Sua Magestade Com goarnição de gente E Artelharia necessaria para Sua defença, Com os officiais de juztiça E fazenda, Com o pouo em forma de Cidade, Com a Caza da Mizericordia, E Hospital, E no Ecleziaztico, tem Vigario geral na Matriz Com todos os ComVentos das Ordens mendicantes, o porto he do melhor trato dOguzarate, E Mêca, e daz outras partes da India, a terra hé fresca, E produz todo o genero de grãos, E fruitos Com muita Criaçaõ de gado.—

Tem Esta Fortaleza trezentos E sinCoenta Soldados de prezidio, dos quais se proue a Armada daquella Costa, a Armada Consta de dose nauios; Rendia esta Fortaleza muito, E sobejaua da despeza, mas hoje falta, a Cidade tem sesenta Cazaes de Portuguezes Os quais tem outros tantos Escrauos para tomar armas, tem mais Cem Cazaes dos da terra, que São officiais mecanicos, mas hũs, e outros, pobres; habitão mais nesta Cidade grande numero de gentios guzarates, Judeus E Mouros, tera hoje tres mil moradores, teue dez mil, estes gentios são excelentes artifeces, e entre Elles ha homens muito ricos, a Ilha não tem agoa, mais que a da chuva que recolhem nas Cisternas.—

Tem Esta Ilha, legoa e meya de Comprido, e hũ quarto, de largo, a Costa desta Fortaleza, Corre de leste para oeste, az Correntes são âs Marés Com grande furia, tanto que Estando hum Nauio ancorado, Com duas ancoras, E tendo as Vêllas Soltas ao vento, Contra a Marê ainda asim não estâ seguro, chamão a estas Correntes Macaroos: Os Ventos que Curção nesta Costa, são Sues, E Suduestes, E as Vezes Noroestes; O Rej Comfinante Com esta Fortaleza he o Mogor; o Rej mais poderozo do Oriente, porque pága trezentos mil Caualos, e a cada homẽ de Cauálo, dá sete homens de pêe, e dez mil Elefantes, E vinte mil Camellos; E na Sua estribaria dezaseis mil Cauallos; e qatorze mil Criados; dos quais os quatro mil, São nazcidos Em sua Caza tem quinze mil Correyos, donde Com tanta breuidade sabe o que se passa pello seu Rejno, todas as Noites lhe Rodeão o Seu Palacio dez mil Caualos, E todo este poder lhe Cauzão aquellas trez Ervas que

produz o Reyno, de Cambaya, que São Amfião, Anil, E Algodão, que Continua mente a terra Está produzindo, Sem nenhũ Cuzto, e val mais que as minas de Ouro das outras terras; tem o Mogor na sua Corte hũ Colegio de Padres da Companhia.—

Dezcripção da Fortaleza de São Hyeronimo.—

O Vize Rey Dom Hyeronimo de Azeuedo no Anno de 1616, fez Este Forte do modo que se ué defronte de Dâmão, da outra parte do Ryo, para Segurança das Correrias que os Mouros fazem aos Nossos e tambem porque o Sitio, fica padraztó a Damão tem cada Cortina **53** = braças de Comprido e = **3** = de alto, a goarnição desta Fortaleza, se proue de Dámão.—

Dezcripção da Fortaleza de Dámão.—

A Fortaleza de Dámão Está plantada no Sitio da terra firme, na Costa Oriental da enseada de Cambaya, no destrito de guzarate em altura de **20** — graos Septentrional; a Fortaleza foi fundada pello ViceRey, Dom Constantino de Bargança no Anno de 1558.— tem Capitão provido por S. Magestade Com a goarnição de gente, E Artelharia necessaria para sua defença, Com os officiais de juztiça e fazenda, Com o pouo Em forma de Cidade, Com a Caza da Mizericordia e Hospital, E no eclesiaztico, a Matriz Com Vigario geral, e Com os Comventos de todas as Ordens, Mendicantes; o porto tem trato de madeira Conchothea E por aqueles moradores terem uzo de Caualaria, todos tem Caualos, para defenderem aquelas terras, de mantimentos.— a terra he fresca e Regada de boas Agoas, e fruitos, e tem na montaria muito gado, E no Mar muito peixe, tem de grandeza Noue Centas braças de muro, Serão os Portuguezes que Viuem na Cidade Coatro Centos, Com alguns pretos Christãos, que todos tem armas, e são Capazes dellas.—

O destrito desta Fortaleza, Comessa de hum Rio, sinco Legoas de Dámão, para o Norte, que chamão Parnel onde se dividem az terras de Surrate, que são do Mogor, E dahi entrão pello Sertão duas Legoas E meya, sempre Fronteira a Mogor; E dahi dobrando ao Leste, Confina Com hũ Rey mouro chamado Vergi, sogeito ao Mogor; e vem pello Sertão a **4**— e a **5**— legoas Cozteando as terras de Conthea, hũ Regulo, que poem em Campo seis centos homens de Caualo; tem este Rey, nas nossas terras hũ tributo a que chamão chouto, que lhe pagaua antes que fosem nossas; e Caminhando para o Sul Con finando Com outro Regulo, chamado Colle, de igoal poder, e asim uão correndo as terras Em distancia de Sete legoas, pello Rio Agacain, ou Dantorâ e dahi athê Parnel vão vinte Legoas de Costa onde estão as Aldeas sojeitas a Dámão; há neste destrito = **4** = tranqueiras que são postos forteficados, aos quais chamão; Solsumba, Calamoquel, Paneâlâ E Sosolim; as quais tem Capitães e Soldados Lazcarins.—

Tem mais = **4** = Tanadarias, que são Capitanias de quatro Fortes, E povoações chamadas S gene, Damú, Maim, E Trapor; daz quais adiante se fará menção.

A Barra desta Fortaleza he hũa Enseada que faz o Mar, a modo de Ryo, de Largura mais de hũ tiro de pedra; a boca, na maré Vazia, tem hũ banco de area, arimado â Costa, deixando hũ Canal no meyo, de seis braças de largura, E em praya Mar, Com fundo de **22** — palmos, na baixa Mar fica tudo Seco, o tocante ao banco, demora esta barra ao OêzNoroeste sempre; o Rio, passada a Barra, tem de fundo trez atê **4** = braças, seis legoas pella terra dentro, jâ o Rio he de agoa doce, mas Conthenua pouco de Verão; que de Inverno, Como lhe entra o Ribeiro Calaim, que o atrauessa para a banda do Sul fica todo esse destrito Como Ilha.—

Toda a Costa desta Fortaleza Corre Norte Sul, mas não prefeita mente, por que algũas Vezes mete ao lez sueste. Outras ao Nornoroeste; Os ventos que Cursão neste Costa São Oêstes, E algũas vezes Suduestes, E oez Noroeste: De verão Cursa sempre Noroeste, E no fim delle Comesão, os terrenhos principal mente de noite, E estes são os tempos em que se nauega que hê de Setembro athe Feuereiro, e dahi por diante Comesão os Nortes, E Nordestes, E em Junho, Julho, E Agosto hé tanta a chuva, que chove dias inteiros sem sessar.—az Correntes São Comforme os Ventos; az fazendas que há neste destrito hé muito aroz, as fruitas de toda a sorte, não lhe falta trigo, tem bastantes Carnes; ha nesta Cidade Caneguins, tafetas, E sosins, que se faz Em Dámão de Sima, que hé huã pouoação de Mouros; ha muita

madeira de Téca a melhor de todo o Mundo pella sua duração, de que se fazem muitos nauios; az Viagens desta Fortaleza, são para Cambaya, para onde se leua Betta, Coco, E areca; E para Dio Mascate, e Bassorâ, para onde se leua aroz, vaise tambem para Mombaça, para onde leuão roupa.—

Dezcripção da Fortaleza de São Gens.—

Sinco Legoas para o Sul, de Damão, junto ao Rio Margol está a Fortaleza de São Géns trez Legoas da praya Como se uê tem os muros em Redondo **30.** braças E de alto trez, Comfina Com a gente de Fouthea; estâ esta Fortaleza junto a hũa pouoação de Christãos, que tera quarenta Moradores; mea legoa desta, Está a Tranqueira, chamada pansa, a qual Como as outras, Não he mais que hũ terrapleno de Vinte braças Em Redondo Cercado de hũa estacada no meyo da qual está a Caza do Capitão, E alojamento de Soldados que defendem aquelle passo.—

Dezcripção da Fortaleza de Danú.—

Da outra banda do Ryo de Argol seis legoas delle, Está Danú Com hũa povoação de Christãos mui celebrada, pella milagrosa Imagem de Nossa Senhora das Anguztias que Em si tem de **50** — Vizinhos, todos Valerosos, E bem armados, pouco adiante da praya junto ao Rio Danú Estâ a Fortaleza Como se ué. tem Ezte Forte Capitão Portuguez, Com **4** — Soldados que a Vigião dous Naiques E Sinco peões, Sinco adargueiros, E hũ tocheiro; agente da terra goarnece o Forte nas oCaziões.—

O Rjo de praya mar tem **50.** passos de largura e de baixa Mar — **30** — tambem tem seu banco Como az mais das Barras do Oriente, e Lança hũa Restinga duas legoas ao Mar, pello Canal do meyo da Barra, que demora a oeste, podem entrar Nauios de remo de **10** — athe — **20** — palmos; de maré Vazia fica todo em Seco, foi feito este Forte para defender, Não entrásse por este Rio parôs a fazer danos nas terras sogeitas a S. Magestade.—

Dezcripção da Fortaleza de Trapor.—

Duas legoas e meya de Danú eztâ hum Ryo que chamão Chinchama, junto ao qual está a Fortaleza de Trapor, (Como se ué—Segurando hũa pouoação de duzentos Moradores Christãos pretos, e Sincoenta Portuguezes, todos armados, para defender a Barra; Do Comercio que daqui se faz para Dio, E Surrate; he esta barra Semelhante a de Danú, Com a deferença de poder Em prea Mar, Entrar por ella qualquer Nauio grande.—

Hũa Legoa do Sertão de Trapor Estâ a Tranqueira de Cirgão, Com o Seu Capitão, E—**50.**—ezpingardeiros que pagão os moradores de Trapor, Com hũ tributo que chamão Indepellas, Legoa e mea de Trapor para o Sul, Estâ o Ryo Sirgão como Se dirá adiante.—

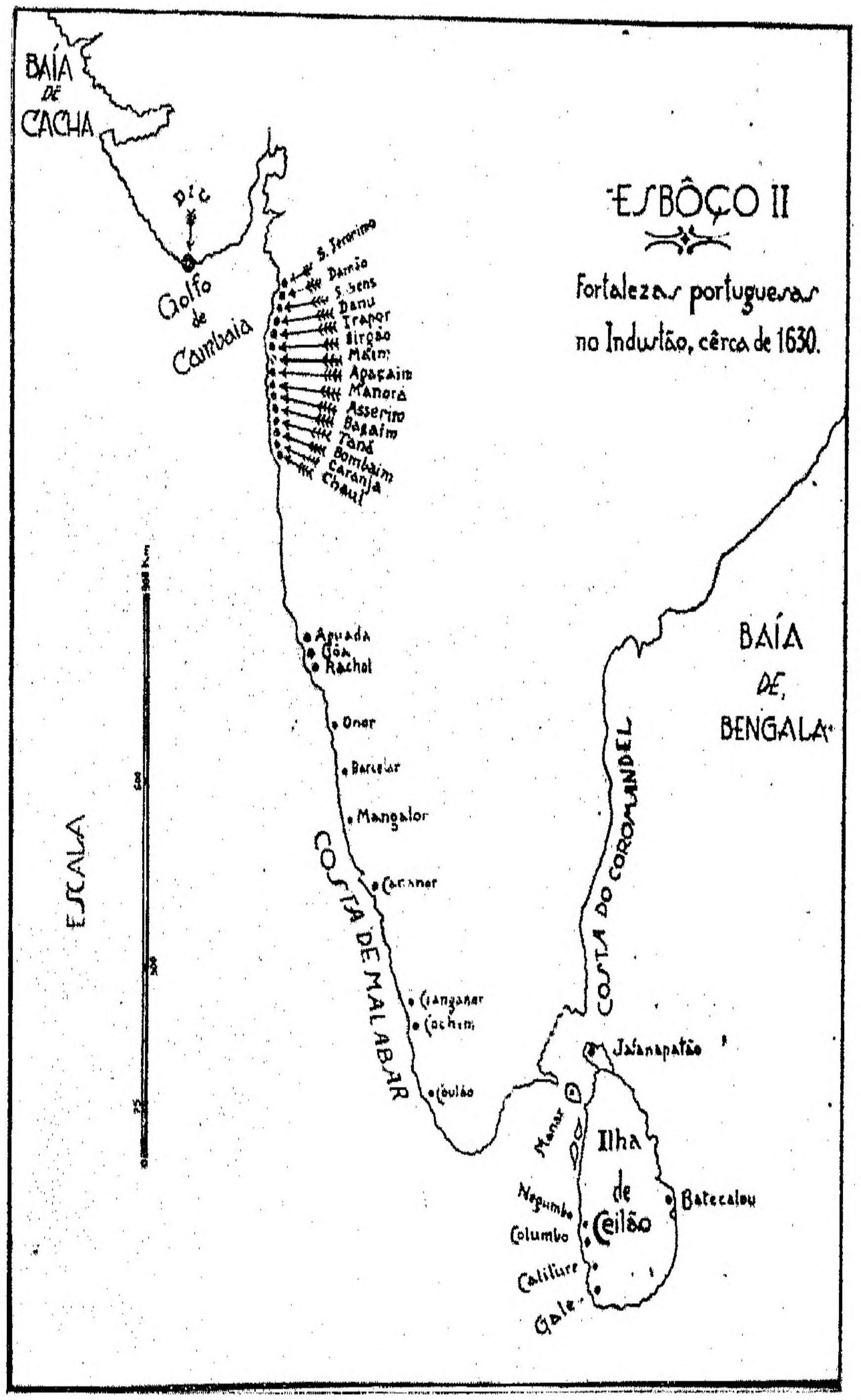
Dezcripção da Fortaleza de Sirgão.—

Legoa E meya de Trapor Estâ o Ryo Sirgão, Com Seu banco, e restinga Como os mais, porem de marê chea he mais Capáz, que os referidos, mas de marê Vazia se passa a pee Enxuto, junto delle está hũa povoação de Seu Nome, muito Celebre pello proueito que dá ao Seu Senhorio, que Viue em hũas Cazas fortificadas Como se ué, E tem nella Artelharia, e familia Capáz e bem armada para se defender.—

Dezcripção da Fortaleza de Maim.

Duas Legoas ao Sul de Sirgão, Está o Ryo forte, e povoação de Maim Como se ué, a povoação terâ duzentos Vizinhos, entre Portuguezes, e naturais, todos Com muitos esCrauos, e mui bem armados, a Capacidade da Bahia he a mesma que a dos referidos.—

Hũa Legoa ao Sul, desta Fortaleza, Está o Ryo Quelme, e outro adiante Dantorâ ambos da mesma Capacidade, que os que temos dito; da outra banda do Rjo Dantorâ, está Agaçaim, donde Comessão as terras sogeitas â Fortaleza de Pucaim e se acabão os da Fortaleza de Damão; Em—**24.** legoas e meya de Costa onde ha noue Rios e **6.**—Fortalezas.—



ESBÔÇO II

Fortalezas portuguesas no Industão, cêrca de 1630.

BAÍA DE CACHA
DIO
Golfo de Cambaia
S. Jeronimo
Damão
S. Gens
Danu
Trapor
Sirgão
Maim
Agaçaim
Manorá
Asserim
Baçaim
Taná
Bombaim
Caranja
Chaul
Aguada
Gôa
Rachol
Onor
Barcelor
Mangalor
Cananor
Cranganor
Cochim
Coulão
COSTA DE MALABAR
COSTA DO COROMANDEL
BAÍA DE BENGALA
Jafanapatão
Manar
Ilha de Ceilão
Negumbo
Columbo
Caliture
Gale
Batecalou
ESCALA

Dezcripção de Agaçaim

Na boca do Ryo Dantorâ, huã Legoa ao Sul, do Rio Quelme, estâ hũa Ilha de **.300.** — passo sde Comprido, e — **200.**— de largo, a que chamão das Vaqas, onde estão as ruynas de hũa Torre, que foi de Senhorio particular, hum quarto de legoa pello ryo dentro, estâ huã povoação chamada Agaçaim, (Como se ue) que constará de trinta moradores Portuguezes, Com seu Capitão a que chamão Zanadar, o Rio de Dantorá vem descendo daz terras do Colli, e dezemboca no Mar Com largura de hũ tiro de Espingarda e Com vinte E dous palmos de agoa Em praya Mar, Com hũ banco de area que fica Em Seco Em baixa mar, demora ao Oeste sua Entrada; Comfina Agaçaim Com o Rey Nizamuxâ, E Com o Regulo chamado Coli, esta he a primeira Pouoação do destrito de Baçaim o Reino de Nizamuxâ tem pouca largura, porque ao Leste Comfina Com o Rej de Golocólâ chamado Cotomuxâ, e para o Sul Com o Idalcaõ, para o Oriente Com Baçaim, e Chaul, para o Norte Com o Mogor, az fazendas do trato, são beatilhas, panos finissimos, Contaria, ferro e teares de Seda, az terras São muito frescas e Sádias.—

Dezcripção da Fortaleza de Manorâ

Trez Legoas da boça do Ryo de de Dantorâ, se deuidem dous braços, hũ que se chama Mazariana que Caminha para a serra de Aserin, e outro Manorâ, Em Cuja Ribeira temos huã Fortaleza Com Sua povoação ao redor, (Como se ue) que terâ **25** — Portuguezes, **23** homẽs da terra, oitenta gentios, e mouros o Sitio desta Fortaleza, he muito doentio Comfina Com trez Reys Como de Melique, Deuli, Echeutea.—

Descripção da Serra de Aserim.—

Quatro Legoas de Manorá, pello Sertão estâ a Serra de Aserin, (Como se ué) tem ao pé huãs tranqueiras Com Seu Capitão E **120** — homens de prezidio, chamace Este prezidio Povoação, Varanapor Comesando a sobir pella Serra, athé hũ passo que terá meya legoa, se pode hir em palanque, chamace a este passo Salada, onde estâ hũ Nayque, com sinco, ou seis Soldados, daqui para sima se uai a pé, athé outro passo, que chamão boa Esperança, e dahi á parte donde se uai por dentro da terra, por hũa escada laurada ao picão, onde eztâ o alçapão no qual sitio Vivem **4** — ou **5** — moradores, all esta a porta da Fortaleza Com mui grossos ferrolhos, feita Em hũ muro, Com sua artelharia, aqui mora o porteiro da Fortaleza, onde não Entra ninguem, nem sae, sem Licença do Capitão No cume desta Serra Estâ a pouoação que Constarâ, de **150** — Vizinhos para tomar armas, a altura desta Serra, hê hũa Legoa, o Circuito da pouoação hê quazi Circolo prefeito E terâ mil passos de diametro. Vizinha Com os mesmos, que manorá, na serra Em sima, hâ treze passos de goarda, — delles, os sinco são principais, Comvem a saber, o da porta Alifante, Tarde, Parabel, E o das Vazas, os Soldados desta pouoação são mui Incertos, porque quazi todos São homiziados, tem esta pouoação Vinte E duas Cisternas, Lauradas Em pedra preta, E dous tanques, tem sempre Em depozito = **126** — muros de trez Candiz Cada muro de Bati, que he arôz por debulhar, E com as munições necessarias, Suztentace Esta Fortaleza, para freo dos Reos que Comfinão Com Baçaim.—

Dezcripção da Fortaleza de Baçaim.—

A Fortaleza de Baçaim Está plantada no sitio da terra firme de guzarate jâ fora da Enseada de Cambaya, Em altura de **19.** graos, E 30 Menutos, Setentrional, naquella parte de Colé, a Fortaleza, foi fundada, pello Vice Rej Nuno da Cunha no Anno de 1529.— tem Capitão prouido por S. Magestade, Com officiaiz de juztiça E fazenda, Com o pouo em forma de Cidade, Com a Caza de Mizericordia, E Hospital, E Suztentão os Conventos de todas as ordens mendicantes; E no Ecleziastico, tem Vigario geral na Matriz; a terra he fertil de muito mantimento, E produz todo o genero de grãos, e fruitas: E hê Regada de boas agoas, o porto he de grande trato de madeira, e fazem nelle muitas Naos, E Naulos.—

Consta a sua pouoação de — **400.** — Vizinhos que podem tomar armas, Entre naturais E Portuguezes, tem sinco ComVentos, dous de Santo Augostinho, hũ de São Francisco, outro de São Domingos,

E tem outro dos Padres da Companhia, tem mais trez freguezias; a Matriz N. Sr ª da Vida; São João, N. Sr.ª dos Remedios, E N. Sr.ª das Mercez E Sinco Ermidas, Anunciada, São Lazaro, o Calvario, N. Sr.ª da graça & Santa Thereza; não tem a Cidade maiz prezidio, que os moradores, que Com os escrauos que tem, e os que môrão Em Baçaim de Cima passão de dous mil.—

O Termo de Baçaim he mayor que o de Damão, porque Coméça de Agaçaim, athe a Ilha de Caranja, e Rio de Bombaim que são mais de vinte Legoas de Costa, E pella terra dentro athe seis, E sete legoas, as Viagens que se fazem desta Fortaleza, São as mesmas que as de Dámão, mas não leuão mais que aróz, Comfina esta Fortaleza Com o Rey Melique, E Como Regulo de chautiâ, E Collê proue esta Fortaleza dose Capitães das tranqueiras do Sertão e praya para defensa Sua.—

Dezcripção de Tannâ

A povoação de Tannâ he hũa Ilha Em Salssete, Em Baçaim, **4.** legoas da dita Fortaleza, tem — **180** — moradores, Entre brancos, E pretos Com muitos ezCrauos Capazes de tomarem armas a pouoação, tem seu Capitão, Com os maiz officiais Necessarios, Com sua Alfandega, Cujo rendimento se EmCorpora Em Baçaim, tem sua Igreja Com Vigario, e Outra freguezia, que chamão São João tem **4.** Comventos hũ de Santo Augostinho, outro da Companhia outro de São Domingos e outro de Capuchos; ha na dita pouoação muita roupa, gingoens, e tafeciras: os escritorios que aqui se fazem de Marfim, e páo preto São os melhores, e mais duraueis de toda a India.—

O Baluarte do Rio, Estâ na barra que vay para Bombaim, por nome Reys Mâgos, e Estâ duas Legos de Tannâ, (Como se ué) tem seu Capitão, e Outo Soldados de prezidio.—

A Tranqueira de Saibana Em que asiste o Capitam em todo o Campo de Baçaim Está no Sertão, seis legoas da dita Cidade para o Norte, tem de Circuito **60** braças Com sua estacada Estâ em hũa pouoação do mesmo Nome que terá **54.** homens para tomar armas Entre Portuguezes e Naturais, apartado do Cerco Comũ, tem outro de ezpinhos, E pâos, do máto, dentro do qual se agazalhão **30.** Portuguezes cazados, que all ha.—

A Tranqueira de Coraganjes está Sete legoas, ao Norte de Baçaim Com **100** Soldados, Esta Comfina Com o Regulo Collé, e a de Saibana Com ElRej Melique, tem mais o destrito de Baçaim trez Baluartes no Rio, o primeiro vindo pello Rio que faz a Ilha de Salssete, a que chamão Santa Crus, por outro nome, Belgrado, Com Capitão e **8** Soldados, e hum Artilheiro, defende este Baluarte a entrada dos Rios Gualiana, E Beundim, O Segundo hé o do passo Soco defronte de Tannâ que tambem tem hum Capitam Com **4** Soldados; O Terseiro, he o Baluarte do Rio referido.—

Bandora, e Maim he hũa pouoação da jurisdeção de Baçaim, tem seu Forte (Como se ue) que está junto a Tanná, tem seu Tanadar, E consta de athe **40** Moradores.—

Dezcripção de Bombaim.

Mombaim he hũ Rio = **8** = legoas de Baçaim E **4** – de Chaul he o fundo E mais Largo de todos, os desta Costa Limpo sem banco, baixo, nem restinga, que o atrauése, tem de boca duas Legoas pello Rio dentro, hum quarto de legoa esta a Fortaleza do nome do Rio, he de Senhorio particular que a defende sem dispendio de ElRej tera vinte homẽs para tomar armas Entre brancos e pretos.—

Pello Rio asima duas Legoas, Está a aldea de Mazagão, defronte da qual Esta hũ Ilhêo (Como se ue) pequeno e redondo.—

Defronte da Ilha de Canaria, Está o Ilheo do Elefante, onde está hum mastro em que largão hũa bandeira quando pello Rio há parôs de Ignimigos terâ de Comprimento, hũ quarto de legoa Com Varges que se Semeão, E he de Senhorio particular, tem esta Ilha hũ Pagode, que chamão do Elefante, feito Com Extraordinaria architectura por ser aberto ao picão, na mesma Roxa tem hũa Caza de **200**. palmos Em quadro muito alta Com Colunas da mesma pedra lauradas ao buril, Com figuras Notaueis, Como tambem nas parades desta Caza se uaj a outras retretes E Camaras tudo da mesma Ordem, Com seus almarios, tem duas janêlas abertas na mesma pedra, e em hũa destas Cazas, hũ tante de agoa, grande, E fundo, onde os gentios se uão lauar.—

Da outra Banda de Bombaim na terra firme ha aldeas de S.

Magestade az quais defende hum Capitão gentio Com — **500** — Lazcarins Vassalo de S. Magestade.

Dezcripção da Fortaleza de Carania.

A Ilha de Carania, está em hũ braço que faz o Rio de Bombaim tem dez Legoas de Circuito, e hũa de Comprido tem hũa Fortaleza (Como se ue); hũ tiro de ezpingarda da Fortaleza Está a pouoação, e terá entre brancos e naturais — **200** — homens para tomar armas, (dos mouros que ali habitão) Como já per uezes se tem leuantado; Viuem sem armas.—

Fica Esta Ilha fronteira a **6** — Cidades do Melique, por nomes, Carnala Drugo, Pene, Sabayo, Nabitta, E Pánoel; onde podem passar facil mente os Mouros á Ilha, por vezinha Com a terra firme; e o Rio de baxa mar, dâ Váo, ainda que he lodo, he esta Ilha muito fertil de arós, E fruitas, fazence nella hũs panos, que chamão teados.—

Dezcripção do morro de Chaul.—

O Morro de Chaul, esta situado Em hũ Outeiro, a mão direita da barra de Chaul, pella banda de Oeste Contesta Com o Mar, pella do Leste Com o Ryo, pella do Norte, Com a Barra pella do Sul, Com a terra firme. fundouce esta Fortaleza pellos Mouros, contra Chaul, E por esta Razão foi tomada por........ (sic) — E se suztenta pello inexpugnauel do Sitio que domina Chaul.—

Dezcripção da Fortaleza de Chaul.—

A Fortaleza de Chaul está plantada no Sitio da terra firme da Costa Oriental do Decan do Balagate, Em altura de **19** — gráos Setentrional. a Fortaleza foi fundada pello Vice Rej Nuno da Cunha no Anno de 1529—tem Capitão prouido por S. Magestade Com os officiais de juztiça E Fazenda Com o pouo Em forma de Cidade, Com a Caza da Mizericordia, E Hospital, E no Ecleziaztico, a Matriz Com Vigario geral E suztentão todas az Ordens mendicantes; o porto he de grande trato, de Meca, E Indias, E Cambaya; a terra he fresca, E produz todo o genero de mantimentos.—

A pouoação de Chaul terá—**200**—Portuguezes de muros adentro e—**50**—naturais, Com esCrauos Capazes de tomarem armas, os a rebaldes terão **300** Moradores Christãos, todos officiais mecanicos, ha dos muros adentro desta Cidade seis Igrejas que São, a Seê, Mizericordia, São Paulo, São Domingos, Santo Augostinho, e São Francisco;—

A barra de Chaul he a maiz bem goardada, a respeito do Morro, tem hũ banco de area que a atravéssa, Como os mais; pello meyo lhe fica o Canal que de mora ao Sueste, de báxa Már, terá Noue palmos de agoa E de prea mar trez braças.—a Costa Corre Norte Sul, az correntes São mais brandas, Como mais afaztadas da Cidade de Cambaya; as Viagens deste porto São para muitas partes, e leuão Coco, aroz, Canela, pimenta, Crauo, noz, mosca, pão da China, louça tutunaga, noz, roupas, Copras, Contas, Velorios, e trazem roupas, Amfião anil marfim, Ouro, e esCrauos.—

Chaul de Cima he hũa pouoação junto de Chaul, para a banda de Leste, habitada de Mouros, que terá trez mil Vizinhos, Sem nenhuma defensa, são todos grandes tesseloens, e marsineiros.—

Dezcripção daz Terras de Bardéz.—

As terras de Bardez que Comessaõ antes de entrar na barra de Goa; estão (Como se ue) tem de Comprimento duas legoas, E de largo Legoa e meya; tem muitas Aldeas, e Palmares de grande rendimento tem dezaseis Freguezias que as adiministrão frades de São Francisco os Naturais da terra, São Canarins dos quais se aListarão para a guerra **3164**.—Estão nestas terras os Fortes, da Auguáda, Candolim E Tiui.—

Descripção da Fortaleza da Augada.—

a Fortaleza da Auguada, Está nas terras de Bardez, defronte de N. Sr.ª do Cabo, (na forma que se ué, na planta;) batendo o mar na Muralha da dita Fortaleza; chamouce o Forte da Auguada, porque Segura a fonte aonde fazem agoa as Naos.—

Adiante desta Fortaleza Está hũa Enseada, aonde os Ignimigos Esperão as nossas embarcações, seguros da Fortaleza para descobrir esta enseada, mandou o Conde de linhares fazer hũ Baluarte em hũa ponta da terra como se ue.—

Dezcripção da Cidade de Goa.—

A Cidade de Gôa Está plantada no meyo da Ilha da Costa Occidental da terra firme do destrito do Conçam de Balagate, Em altura de=**15**=graos e=**35**=menutos, septentrional, a Fortaleza E Cidade foi Conquistada, pello Invencivel Capitão Afonso de Albuquerque no Anno de—1509.—he Corte e Metrôpoli do Estado das Indias Orientais aonde rezide o ViceRey, Com a nobreza de Portugal que uaj seruir a aquelle Estado; tem a Cidade Em forma Com audiencia real e dezembargo do Estado Com officiais de juztiça e fazenda; E Arcebispo Primáz, Com sua Clerezia na Matriz, e Com os Inquizidores, e Provinciais, de todas as Ordens mendicantes, Cujas Igrejas, E Comventos, se fundarão de edefficios sumptuosos aquem são anexos, E Com Vniversidades, E escóllas para a doutrina dos Christãos; E o seu destrito, tem Salssete, E Bardez; o porto hê de grande trato, de toda a India, E da China, Malaca, E Bengala, e de todas as outras partes, e nella se fazem groças Armadas, para defenssão de todas az partes de India; E o mar do Sul. a terra he fresca, E produz todo o genero de mantimentos, e fruitas Com muito genero de gados, e he regada de boas agoas.—

Corre a Cidade ao longo do Rio que faz a Ilha desde Panelin athe a Madre de Deos, que Será mais de mea Legoa de Comprido; a mayor Largura do Ryo athe o outeiro de Bengani será de **1600**. passos; o grosso da Cidade Enche os dous Outeiros, de Nossa Sr.ª do Monte e Santo Augostinho, que Correm Leste OEste; E dista hũ do outro, por linha recta, dous mil passos, tem a Cidade de Goa, trez mil e quinhentos fogos, afora os Conventos: destes serão Cem Portuguezes, Com muitos Escrauos, E todos muito bem armados; os maiz fogos São dos Naturaiz, a que chamão Canarins, e outras Nazções da India, dos quais poderão tomar armas, dous mil.—

Os arebaldes da Cidade tem trez para **4**—mil gentios gente inutel; os Soldados Portuguezes, que tem a Cidade Não he muito Serto o numero delles; que como depende da chegada das Naos, e da quantidade que leuão, hora são mais ora menos.--

Foi esta Cidade mayor duas Vezes do que agora hê; porque asim o mostrão as Ruynas dos Edefficios, Gouernace a Cidade Com Camera, Capitão Mor; E os gentios estão sogeitos ao Capitão que se chama Tanadar Mor; São os Canarins desta Cidade, grandes Escriuães, E grandes demandistas, E asim tem esta Cidade, mais de mil escreuentes, E Requerentes, E asim de Ordinario passão de duas mil az demandas que Correm—

A Artelharia que tem a Cidade São =**130**= pessas das Armadas E **48**.- daz Fortalezas; E—**95**—pequenas dos Nauios de Remo.—

Os Mosteiros que há na Cidade são, São Paulo, E São Roque, dos P.^{es} da Companhia; São Domingos, E Santo Thomaz, dos Padres Dominicos; Santo Augostinho, E Nossa Sr.^{a} do Populo, dos Augustinhos; Santa Monica, de Freiras da mesma Ordem; São Francisco E São boa Ventura dos Franciscanos; N. Sr.^{a} do Monte do Carmo, dos Carmelitas, A Madre de Deos e N.^{a} Sr.^{a} do Pilar dos Capuchos, Santa Maria Magdalena Recolhimento daz Convertidas Nossa Senhora da Serra das Orfas, E Veuvas, honradas.—aqui Entra Nossa Sr.^{a} do Cabo da Fortaleza de Mormugão.—

Dezcripção da Ilha de Salssete.—

A Fortaleza de Rachol está nas terras de Salssete, Sinco legoas de Goa, pello Rio asima; (Como se ué, da planta) hum tiro de pedra desta Fortaleza, Está hũa pouoação de athe Vinte moradores Portuguezes dos quais he Capitão o Capitão da Fortaleza, Estendece âs terras de Salssete Com Sinco Legoas de Costa athe o Rio do Sal, e hũa Legoa adiante athé a Aldea de Colá: Entrão pello Certão as ditas terras athê duas legoas; São os Seus pouoadores Canarins, todos Christãos, tomarão Armas athê, quatorze mil, Os quaes Com os Portuguezes pelleijão quando há oCazião: tem Vinte e duas Freguezias, que administrão os Padres da Companhia; E tem Sua Magestade debaicho do Tenadar Mor da Ilha de Goa Vinte e Sinco mil Canarins que tomão armas, de Bardez, Salssete, Chorão, Divar, e Sumuar.—

Dezcripção da Fortaleza de Onor.—

A Fortaleza de Onor Está plantada na terra firme do Concam de Balagate em altura de **14** graos e **29** menutos.—setentrional, a Fortaleza foi Conquistada, e fundada, pello ViceRej Dom Luiz de Atajde, que despois foi Conde de Atouguia; no Anno de 1568.—tem Capitão Com goarnição de gente, e artelharia necessaria para sua defensa, Com os officiais de juztiça e fazenda; E no ecleziaztico a Matriz Com seu Vigario; A terra produz muito boa pimenta, donde se prouia p.^{a} a Carga das Naos do Rejno.—

tem em Roda esta Fortaleza **400** braças, no qual recinto, morarão atê trezentos Portuguezes; a terra he m.^{to} fresca, Com muita fruita de Ezpinho; e Uvas de parreira, não tem esta Fortaleza nenhũ Comercio, porque do que dá para fora he pouco; algua madeira para mastros, E Vergas, e areca, catto, E alguas beatilhas; so para sacas da pimenta nos serue esta Fortaleza; que he a melhor que ha na India: Como o Rey da Terra q. se chama Dij quere, ou Camarâ por nome Virabadar Naique, temos paz de amigo de amigos, e Ignimigo de Ignimigos, tem o seu Rejno seis legoas de Costa, desde o Rio Nisseo athe o de Canharoto, e Com esta amizade deixa tirar todo o aroz para o Sustento da Cidade de Goa: pode por em Campanha Sincoenta mil homens. -

A barra desta Fortaleza he hũ braço de Mar, que Entra pouco pella terra dentro, Com hũ banco de area no meyo, Com Canal de sinco braças de largo e quinze palmos de fundo, demanda a sua Costa ao rumo de Norte Sul. aqui entra a Fortaleza de Cambolim.—

Dezcripção da Fortaleza de Barçalor.—

A Fortaleza de Barçalor Estâ no sitio da terra firme na Costa Oriental de Balagate no destrito de Canaria em altura de **13** graos e **30** menutos; setentrional, a Fortaleza foi Conquistada, e fundada pello ViceRej Dom Luiz de Atayde no Anno de 1568. tem Capitam Com goarnicam de gente, e Artelharia Necessaria para sua defenssa Com o pouo em forma de Cidade e Com a Caza de Mizericordia E Hospital. E no ecleziaztico a Matriz Com Vgairo g.^{1} o porto he de grande trato de aroz, E toda a sorte de grãos E mantimentos que leuão, para diversas partes de toda a India; a terra he fresca, e Regada de boas agoas; Está situada Legoa e meya da barra, que a faz, hum braço do mar, que entra Com grandes voltas pella terra dentro, fazendo hũ Canal muito ao longo da terra, Com o que facil mente se pode empedir a passagem.—

Tem a Fortaleza —**180**.— braças de roda, junto a hũa povoação de Portuguezes que terá trinta Cazáes Cercada Com hũ muro de talpa, Com suas guaritas, laurão Estes Portuguezes algumas terras de aroz, pagão foro a Sua Mag.^{de}.—

Pello Rio asima Está outra pouoação de gentios, a que chamão Barçalor de sima, E pagão a Sua Mag.^{de} **500** — fardos de aroz, de penção per os deixarem tratar pella Fortaleza, da qual, e de Onor, e Mangalor se proueem de aroz, Goa, Malaca Mascate Moçambique, E Mombaça.—

O Rej Com que Comfina he o mesmo que o de Onor, mas tem esta fortaleza mais trato, que a outra, porque sô de aroz fino, meão, e Somenos (que se chama ao fino girasal, ao meão chamosal, e ao Somenos Cultor, e preto) se tirão cada Anno muitos mil fardos de que so a collecta de sinco Bazarucos Em cada hũ rende, =**1424**= Xerafins que são duzentos e Vinte e sete mil e duzentos rz —— aplicados â fortificação da Fortaleza, tirace mais da Fortaleza o Salitre necessario p.^{a} a poluora que se faz no Estado, ferro e roupa, Cauallos da Persia e Elefantes de Cellão, E leuace para lâ Coral aljofar Rubins, grans, e Tutinegras.—

Tem os moradores desta Fortaleza Sete ou outo galeotas de sua mercancia, que nauegão por aquella Costa, Com nossas Armadas, São estes moradores pagos por Sua Mag.^{de}, e defendem a Fortaleza;

Dezcripção da Fortaleza de Mangalor.—

A Fortaleza de Mangalor Está plantada na Costa Rial de Balagate, no sitio de Canarâ, em altura de **12**. graos e **39** — menutos setentrional, a Fortaleza foi Comquistada e fundada, pello Vice Rey Dom Luiz de Atayde no Anno de 1569 tem Capitão Com a goarnição da gente E Artelharia necessaria para sua defenssa Com hũa Caza da Mizericordia, E na Matriz Seu Vigario, Com hũa Caza da Ordem de São Francisco, a terra he fresca, E produz todo o genero de mantimentos, E fruitas; a praça hê quadrada, E tem dez braças de muro Entre Torre e Torre; E de quatro braças de alto, e de seis palmos de largo.—

Junto desta Fortaleza Está hũa povoação de Trinta e Sinco Portuguezes que goarnecem a dita Fortalleza, O Comercio he pouco, porque he so de aróz do qual ElRey tem seus direitos o Rej Com que Comfina, he o mesmo q. naz fortalezas escriptas.—

Dezcripção da Fortaleza de Cananor.—

A Fortaleza de Cananor Estâ plantada na Costa do Malauar em altura de **11** graos e **29** menutos Setemtrional, a Fortaleza foi fundada pello Vice Rej Dom Francisco de Alm.^{da} no anno de 1505. tem Capitão por Entertinimento, Com officiais de juztiça e Com a goarnição de gente, E Artelharia Necessaria para sua defença Com pouo em forma de Cidade, Com a Caza da Mizericordia E Hospital; E no Ecleziaztico; tem Vigario na Matriz e hũ Comvento da Ordem de São Fran.^{co} a terra he fresca, E fertil de mantimentos, e fruitas, e na Caza do Aderazão que he o bazar, dos Mouros, hé a melhor Praça de mercadorias de todo o aromatico, E ezpessiarias, e m.^{tos} figos frescos e secos, que he aliuio dos passageiros, para seu refresco, E produz muito Cardamomo, e Areca, e Copia de Cocos, E zemzibre, Com m.^{ta} pimenta E tem agoas Serenissimas de fontes; o porto tem muito trato de Méca, E de Surrate que os mouros fazem Com suas Embarcaçoens E o Aderazão Rey dos Mouros de Cananor tem mui grossas rendas daquellas Ilhas de mamales, que todas lhe págão grandes tributos Em cada Anno.—

A Bahia desta Fortaléza demora ao Sul; tem de Circuito a Fortaleza =**255**= braças o prezidio della he sô de quarenta moradores, que Viuem dentro do Circuito de Seus muros, e de Vinte Naturais; o Rey da terra hê gentio de nazção Naire grande amigo dos Portuguezes, Contrario ao Adrazão, que gouerna o bazar, porque quazi sempre tem Com nosco Contendas, São os Nayres, Supresticiozos, e observantissimos da sua Ceita, E não Consenten ser tocados de Outrem, (e se lhes tocão), Com m.^{tas} Lauagens se purificão; Estes são os porquem disse O nosso Luiz de Camões

Ditosa Condição, ditosa gente,
que não São de Ciumes ofendidos.

Porque az molheres São gerais aos parentes do Marido; mas não seguem Este Costume os Ricos, E nobres, salvo aos seus Nambures que São os sacerdotes, E asim não herdão, senão os filhos das Irmans, pella incerteza dos proprios.—

Comfina Com ElRey de Cananor, o Samori grande Enemigo dos Portuguezes; mas já agora Consente Em sua Em Sua Corte Igreja, E feitoria por S. Mag.^{de} para Resgate da Pimenta, Entre o Rejno do Samorin, Está o de Tanor, Onde temos tambem feitoria, E Igreja, E o seu Rey tem pazes Com nosco.—

Dezcripção da Fortaleza do Cunhále.—

A Fortaleza do Cunhâle Está plantada Em Terra firme, em Peninsula, naz terras de Calecut Em altura de **11.** grâos e seis menutos, setentrional, a Fortaleza foi fundada por hum Corsario, chamado Cunhale Marchâ; Capital Enemigo do Estado, E destruhidor dos Christãos, que fazia tanta guerra Com sua armada, E destruhia as Cafilas de Cambaya; E da China, as Embarcaçoens que vinhão Carregadas de sedas; E o ViceRey Dom Francisco da Gama, Conde da Vidigueira, Almirante Mor da India mandou ao Capitão Andrê Furtado de Mendonça, por Capitão g.^{l} daquella Costa, para Conquistar Esta Fortaleza, o qual a Conquistou e Captivou ao Cunhale o Marchal, no Anno de 1604.—

Dezcripção da Fortaleza de Cranganor.—

A Fortaleza de Cranganor, Está plantada na Costa do Malauar no destrito de Calecut Em altura de **10.** graos Setemtrional, a Fortaleza foi fundada por Antonio de Albuquerque, que no Anno de 1502 e despois foi fabricada por Dom Miguel Rolim, que a defendeo de muitos asaltos de Calecut, E de ElRej de Cranganor, E a sua sombra senhoreou ElRey de Cochin aquella porção da Terra

do Regedor, Esta terra foi pouoada de Christãos de São Thomê, pello dito Apostolo, fundar aquella Christandade, Está prouida com Matriz E Arcebispo, Ordenado pella Seê Apostolica, a fortalleza tem Capitão por entertenimento, Com a goarnição de gente E Artelharia Necessaria para a sua defença Com a Caza da Mizericordia E Hospital; E hua Caza dos Padres da Companhia; E outra de São Fran.^{co}; a terra he fresca, E produz todo o genero de mantimentos, E Com Criação de muito gádo, tem Esta Fortaleza **10.** braças de Comprimento Entre baluarte, E baluarte, trez de alto, E seis palmos de largo; a pouoação que está junto â Fortaleza tem Cem Cazaes, quarenta Portuguezes, E os mais Naturaiz. O muro que Cerca esta povoaçaim tem sessenta braças e **15.** palmos de alto.—

A entrada da barra que faz o Rio por esta Fortaleza, e o outro que vay para Cochij, Está huã ponta de terra, a que chamão pallisorto, onde temos huã Seramane que he hũ Forte de Vigia, onde asintem Vinte E sinco Soldados, e hũ Capitão, sogeitos a Cranganor, para defender a entrada desta barra, esta ponta de palleporto, Conthenua em Ilha alhê Cochij por diztancia de sinco legoas, E a ponta que fica defronte de Cochij, se chama Vay pim Como se dirâ em Seu lugar.

Esta Fortaleza hera sogeita ao Bispo de Cochij, mas agora asiste nella o Arcebispo de Sam Thomê, ou Angamali Com muitos Christãos; daquella Christandade e os mais estão promtos a seu chamado, asim para a defensa, Como para a Forteficaçam da terra, E he mais Larga Esta Christandade obedientes â Igreja Romana, mas não Com aquella observancia necessaria, por viverem entre gentios; São mais de sessenta mil Cazais espalhados por **100.** legoas de Costa no Rejno do Malauar desde Samorin athe o Rejno de Tranamar.—

O Prezidio desta Fortaleza, he de **100.** Soldados, Em seis Comp.^{as} dos quais se provê Paleporto, o Rey Com que Vizinha hé o Samorim pella banda da terra, despois que a dominou o Regulo de Cranganor de Cima; o poder que Este tem he de poder por em Campanha **40.** mil homens, entre gentios, Najres, Mouros, e Mouros Malauares, q. são os mais Vallerosos da guerra e os mais Industriosos de todos os daquelle Estado.—

Pella banda de Leste, Com o Rey de Mangate o qual tem nas suas terras muita Christandade de São Thomê, E tem Com os Portuguezes grande amizade, e gouerna o seu Rejno Com tanta Segurança, que ficão az embarcações no porto, Com as fazendas, tem gente, sem faltar nunca nada, porque Caztiga Este Crime Com grande Rigor, pois manda Ezpetar hũ homẽ, por hũ Coco que furte; porâ Em Campo dezasseis mil homens de armas.—

Pello Ryo asima, Confina Com o Regulo da Ilha do Parú de igoal poder, e de menos amizade, Ignimigo de ElRey de Cochij, e e sendo menos poderoso, senão atreue o de Cochij a elle; porque Vsão os Reys Malauares hũa Razão de Estado, no dezejo que tem de matar ao Rey seu Ignimigo, que na força da batalha, Em leuantando hũ chapéo de Sol, não Se atira mais para aquella parte, porque os amoucos, que Comem Soldo do Rey morto, são obrigados a matar todos, athê os matarem a elles todos. Os mais Com que avizinha, São hũs Senhores chamados Caymas, sogeitos a ElRey de Cochij, az fazendas que Se tirão São pimenta, Canella do mato, Courama, E madeira, E az que se leuão são ouro, prata, Sandalo pão branco de cheiro, E agoa Rozada.—

Dezcripção da Fortaleza de Cochij.—

A Fortaleza de Cochij, Está plantada na Costa do Malauar Em altura de **9**—gráos—E **40**—menutos Setemtrional, Onde Dom Vasco da gama, Conde da Vidigueira Almirante Mor da India Como descobridor della, foi o prim.^{ro} que dezembarcou Em Cochin, e fez amizade Com aquelle Senhor Caymal, que despois foy Rey Coroado, pello ViceRey Dom Fran.^{co} de Almeyda, e quando aportou Pedro Alures Cabral, para fauorecer o Caymal fundou a Fortaleza de Cochim no Anno de 1500.—tem Capitão por entertenimento, E Artelharia necessaria para sua defença, E tem gouerno em forma de Cidade, Com os officiais de juztiça e fazenda, E a Caza de Mizericordia, E Hospital, e na Matriz tem o Bispo Com toda a Clerezia, e Suztentão todas az ordens mendicantes, o porto hê de grande trato, da China, Malâca Bengala, E de toda a India; a terra he fresca, E produz, todo o genero de mantimentos E fruitos, E tem m.^{to} gádo, Está Esta Cidade plantada (Como se ué) na entrada da barra, Em hũ plaino razo, sem Eminencia, E tem de Comprido, de Nossa Senhora da guia, athê o passo da pimenta, ... passos, E no mais Largo **800**.—pello Rio asima na

praya Está huã Torre, Com sua Artelharia, a que chamão o Caztello de sima, fundado pello grande Duarte Pacheco Pereira; donde alcanssou aquella grande Vittoria do Samorin, tem Capitão Com prezidio pagos, dos próes e percalsos, da mesma terra.—

Na Alfandega desta Cidade tem ElRey de Cochin de direitos trez E meyo por cento, E ElRey Noue o Rey da Terra Com que Comfina he o jatão, nomeado de Rochim, nosso amigo, e Ignimigo do Samorin; alem dezte Rey Comfina Com algũs Regulos das muitas Ilhas que o Mar faz naquella Costa.—

As fazendas que se tirão a principal he a pimenta que se dá Em huã Erva Como Era, que se semea aos pêes das aruores, E uão sobindo por ellas, E asim todas as aruores desta terra daz pimentas, a tem E Com esta Vizinhança, mais Sazona do seu fruito, porque Esta erva az fortalece, e Canella do mato, gengibre Coco, Caxeria, Madeiras notaueis, aRoz, não faltão Roupas, ainda que vem de fora, hê o que, neste porto se fazem nauios que se Carregão, Com o que a terra dâ. o Rio tem Noue braças de fundo, Com hũ banco que o atrauessa, Com seu Canal que demôra ao Sul, Com fundo de **20**.—palmos, Com praya Mar, de agoas Viuas, e se ouuera mais fundo fora mais frequentada, porque dentro chegão os Nauios a deitar a deitar (sic) a prancha ao Câes, E Carregão Com muita Comodidade.—

A Costa athê o Cabo de Comorin Corre Norte Sul, az monçoens são as mesmas daquella Costa, mas jâ os Nortes lhe chegão Escâssos; E o Sul, (a que chamão Vara de choromandel) Com mais força pella qual Cauza todos os mezes choue naquella Cidade, as Nauegações de Cochin herão todas para o Sul, Com Escrauos Roupas, e pimenta, Ceda, Canella do mato, farinhas, Salitre, Vinho, azeite, amendoas, passas, E tamaras; de Bengala Vinha a Cochin aRoz, asucar, Lacre, Salitre, ferro, Roupas manteiga, pimenta longa, Cera, trigo; E leuauão p.^{a} lâ az drogas do Sul, as fazendas da china, e de Portugal, joyas pedraria Aljofar Calaim, e Tutenegra; de Cutucorin vinha aljofar, e o que leuauam hera Ouro, E prata pimenta Sandalos tamaras e agoa Rosada mas ja hoje por falta de chigo, que he a ostra, senão traz mais que algum aljofar de botica, e roupa que chamão Câcha, aRoz, Salitre, E algũ ferro, E darvos que são buzios grandes, que se leuão para Bengala.—

Dezcripção da Fortalleza de Coulaõ.—

A Fortaleza de Coulaõ está plantada na Costa maritima da Terra firme de Trauancor, em altura de noue graos, e **6** menutos setentrional, —**25**— legoas de Cochim, a Fortaleza foi fundada pello ViceRey Dom Francisco de Almeida no Anno de 1509—tem Capitão prouido por S. Magestade Com goarnição de gente, E Artelharia necessaria para Sua defensa, Com a Caza da Mizericordia, E Hospital E no Ecleziaztico, a Matriz Com seu Vigario g.^{al} Com duas Cazas huã de São Fran.^{co}, E outra da Companhia de Jezuz, Com os officiais de juztiça e fazenda; a terra hé fertil, E produz muita pimenta, No destrito da Raynha, para Carga das Naos do Rejno, E tambem para a matalotagem se faz muito pescado; tem de Circuito Esta Fortaleza, mil passos no qual Recinto hauerá **60**.— Cazaes de Portuguezes, E sincoenta de naturais; E a povoação de fora tem outros tantos, Entre os quais hauerá **200**. — homens de armas.—

As Viagens desta Fortaleza, São em Nauios pequenos para o Cabo de Camorim, E Tutucerin, E a Cochim Com pimenta, e Cairo, E Vrrâca, que he o vinho das Palmeiras, E trazem Roupas,= E aRóz,—aqui nesta Costa Se pesca Salmão o qual se uai a buzcar de muitas partes, tão bem ha aqui muita madeira, E boa.—

O Rey Com que Confina hé o de Chenganate, Senhor de hũa Peninsula de duas legoas de Circuito que tem pazes Com nosco.—

A Bahia de Coulão tem dous Canaes por onde Entrão todas az Embarcações grandes e pequenas,—fica hũ pegado â Fortaleza, E outro junto â praya, Com trez braças de fundo; fica dentro da Bahya fica abrigado ao Noroeste, E aos mais Ventos do Norte, a Costa Corre o Rumo de Norte Sul athe o Cabo de Comorim, Suztentace Esta Fortaleza pello Comercio da pimenta que he muita E boa, Em Calle Coulão, duas legoas dezta Fortalleza temos hũa Igreja, E nesta Costa athe o Cabo de Comorim temos outras dos Christãos de Parabás, Com algũa Sumptuozidade, que ainda mostra a Riqueza do tempo Em que se pescaua o aljofar, Administrão Estas Igrejas os Padres da Companhia que gouernão os moradores tanto no Espiritual, Como no temporal, Ainda que o Nayque de Madurê ponha nella Seus juizes, E nesta Costa temos Capitam, E ouvidor Em Tutucorin, E trez Igrejas, que se chamão Membar, Vaipar, Punicali; Os Christãos mais principais se chamão Patangasiz; tirace desta terra Roupas de Caixa, Chanco, Salitre, Arróz Aljofar de botica.—

Dezcripção da Fortaleza de Manar.—

A Fortaleza de Manar Está plantada na Costa Occidental de Ceilão Em altura de noue graos, Setentrional foi fundada por Lopo Soares de Albergaria no Anno de 1528.—tem Capitão prouido por S. Mag.^{de} Com a goarnição de gente e Artelharia necessaria p.^{a} sua defença Com officiaiz de juztiça E fazenda Com a Caza da Mizericordia, E no Ecleziaztico a Matriz Com Seu Vigario, E hũa Caza da Companhia de Jezuz, e Suposto que a terra não tenha pregadraria, todavia, o Mar Sempre dos Careas tira immensas perolas, E aljofres de ordinario trato da India q.^{do} fazem a pescaria, na mayor seca do anno que he em Mayo, Onde se ajuntão os Mercadores, Com aquelles Mergulhadores Ceraes para os Comprar, E leuar para diversas partes.—

Tem esta Ilha **60** — Cazáes, de Portuguezes Com seus esCrauos Os naturais se chamão Careas, E Balos, todos Christãos, E bons soldados, q̃. serão athe dous mil E duzentos, com seus officiais militares, tem a Ilha de Comprimento sinco legoas, E de largura trez; toda he terra muj fertil dá todo o genero de legumes E fruitas de Portugal, E ê do que Viuem os moradores, despois que se acabou a pescaria do aljofar, he do que produz a terra.—

Apartace Esta Ilha da de Ceilão por hum braço de Már, por hũ Canal (Como se ue) na Ilha de Ceilão tem os moradores de Manar, mais de **10**. —legoas de terra onde chamão mantota: para Cultiuar; o Mar que Vai entre Manar, E a terra firme que Serão duas legoas hé tudo baixo, perturbado de dous Ventos que chamão Vara, E Cachão, que são o Leste, E Oeste; no fim de Fevereiro por todo Março he o tempo Em que se pâssa da terra firme por sima destes baixos a pee, a Ilha de Manar; necessitando só de barco a largura do Canal que terá tres braças de fundo; he Senhor da Terra firme o Nayque de Madurê que poem Cem mil homens Em Campanha, E foralhe muito facil passar a Manar, se lho não Empedira o Marauá, que hê hũ Regulo, Cujo poder domina a praya, e aquella Costa; Segura esta Fortaleza az Navegaçoeis de Ceilão, Costa de S. Thomê, Bengala, E Pegû; -

Dezcripção da Fortaleza de Columbo.—

A Fortaleza de Columbo Está plantada Em hua Ensseada da Costa de Ceilão, Em 7 graos menos hũ terço Setentrional; a Fortaleza foi fundada por Lopo Soares de Albergaria, Com fazer trebutario aquelle Rey Cengala, que he o Imperio de Cota, no Anno de 1518.—tem Capitão Com a goarnição, E Artelharia Necessaria para sua defença Com os officiais de juztiça E fazenda, Com o pouo, Em forma de Cidade, Com a Caza da Mizericordia, E Hosp.^{al} E no ecleziaztico tem Vigario na Matriz. Com hũa Caza dos P.^{es} da Comp.^{a} de Jezus, a terra he fertilissima, de Minas de Ouro, E de pedraria, Rubis, E safiras, E olhos de gatto, que val muito na china, E christâes brancos, e verdes, Com outras minas, E metaes, Com Criação de muitos Elefantes Valentes, E os melhores da India, E Marfim; a terra porduz muita Canella, e outras arvores aromaticas, E todo o genero de gado Em abundancia, e muitas fruitas E mantimentos, E tem Excelentes agoas de fontes; E tem S. Mag.^{de} hũ Capitão g.^{al} Com gente no Campo, p.^{a} Conquistar aquellas terras do Reyno de Candea.—

O Porto he abrigado ao sul, e sudueste, E por sima da terra lhe Vem o Norte, E Noroeste; a Cidade tem de Comprido **700.**— braças, e de Largo. —**200.**— está forteficada Como se ué; tem dous mil vizinhos gentios, Lascarins, Arabes, E Modoliares, artifices todos de toda a mecenaria, terâ trezentos Cazaes de Portuguezes Com =**1500**= Escrauos tem trinta pessas de Artelharia de bronze de varios Calibres: he Esta Cidade Cabeça de toda a Ilha de Ceilão, em que já falamos; E esta Fortaleza Cabeça das que temos na Ilha de Ceilão. - Negumbo Caleture e Fanapatão.—

Dezcripção da Fortaleza de Gale.—

A Fortaleza de Gale Está plantada nhuã Auztral da Ilha de Ceilão Em altura de **6** graos setemtrional, Esta Fortaleza foi fundada por Ordem do ViceRej Mathias de Albuquerque no Anno de 1589—tem Capitão Com goarnição de gente e Artelharia necessaria para sua defensa Com a Matriz, e hũa Caza de São Fran.^{co} — tem a Fortaleza vinte braças de Comprimento, terâ esta pouoação **200** moradores Entre pretos, E brancos.—

Dezcripção da Fortaleza de Batecelou

Dezouto legoas de Triquilimale para o Sul na mesma Ilha de Ceilão esta a Fortaleza de Batecalou (como se ue) foi feita por Constantino de Sâa, sendo General de Ceilão no Anno de 1528.— tem de Circuito =**62**= braças, E de alto a muralha (que hé de pedra E cal,) **30**. palmos.—

A Ilha Em que Está esta Fortaleza tem de Comprimento **1500**. passos E de largo mil, tem muito matto e aruores agrestes, onde hâ Elefantes que passão a outra banda pellos Vaos do Rio, e não se lhe pode empedir, Senão Com Manchuás Com gente.—

A barra que faz o Rio tem na boca Cento e Sincoente pâssos, Em Julho e Agosto se serra de todo, a menos altura que tem São onze palmos, E a mayor dose braças; Este Rio Entra Outo legoas pella terra dentro tendo de largura Em partes, hũa Legoa, E legoa E meya, a pouoação he de gentios Pandares Pules, que he gente de serviço na guerra, lauradores que laurão a terra, E pescadores a que chamão Carias; E os moradores são forazteiros, o destrito desta Fortaleza, he muito abundante de aróz, tem quatro Prouincias, Araurâ Palugão, Xabundura, Taurâ a Cujos gouernadores chamão Vanaes que pagão tributo de Cem Cadiz de aroz cada Anno.—

Dezcripção da Fortaleza de Malaca.—

A Fortaleza de Malaca, Está plantada, na Costa Occidental de Vjantana, Em altura de dous graos, E Vinte Menutos, Setentrional, a Fortaleza foi Conquiztada e fundada, pello Invencivel Capitão Afonso de Albuquerque no Anno de 1511.— a Fortaleza tem Capitão prouido por S. Mag.^{de} Com a gorarnição de gente, E Artelharia necessaria para sua defensa Com officiais de juztiça

E fazenda Com o pouo Em forma de Cidade, Com a Caza da Mizericordia, e Hospital, E no Ecleziaztico, a Matriz Com Bispo Com toda a sua Clerezia E Vigario g.^{l}, Com todas as ordens mendicantes; a terra he fertelissima e produz todo o genero de frutas, e aromatico, Como Calambâ, Aguila, Beijoim, Camphora, E plantas de suaves cheiros, E medicinais he m.^{to} abundante de Minas de Ouro, e Calaem E outros Metais, o porto he do mayor trato do Mundo, porque ahi vem muitas Embarcações de diversas partes; da India, da china, Japão Manila, Bengála E Jaôa;—e de todo o Mar do Sul.—

Tem este muro de Circuito=**510**.=pássos tem quarenta pessas de Artelharia de bronze, os Cazaes Portuguezes que há nesta Cidade serão duzentos E sincoenta, E terão dous mil Escrauos, muitos Cazaes destes Viuem da banda de Malaca, he terra muito fresca, E fertil, o Rey Com que Confina he o Rey de Pam Senhor de mais de **100**. legoas de Costa grande nosso amigo; tem tambem no mar muitas Ilhas sogeitas, a Nasção he Malaya, a Ley Mahometana, az armas, Mosquetes, E Artelharia, azagayas Crizes Espadas, Rodellas, arco e flexas, Saligas, que são páos tostados, E sampitas que são hũas flexaszinhas ervadas, que tirão naz Zervatanas.—

No Sertão tem ElRej muitos Mouros sogeitos, gouernados por hum dos gouernadores de Malaca que chamão Tamungão, o qual lugar proué o ViceRey da India, E tem **10**—por cento daz tenças que dá o Rjo tem pouco fundo, E tem grandes lagartos, pella qual Cauza senão vadéa, a terra tem muitos Tigres, meya legoa pello Ryo asima, està hum pao por onde se passa, E onde está hũa Centinela que Empede o passaremse fazendas defezas.—

Todos os Annos sahe desta Fortaleza hua armada a ezperar a frota, Em Mayo a Polepinão, a Negapatão, São Thomê, E Goa, e em Dezembro aò Estreito de sincapura, az da china, e Manilha.—

As molheres desta Cidade, não pedem nada a seus maridos para o gazto da caza, porque Com as suas Manefacturas ganhão para isso, az fazendas que produz a terra são calaim, e az mais referidas, E demais pedras Vazares, porque o ezpim, E sapão, que he hũ pao que serue para tinta, o que lhe Vem de fora, he tudo o que ha na India; Nauegace de Malaca p.^{a} Patane, donde

se traz Patacas ouro, Pedras Vazáres, aRoz Carnes legumes asucar preto, azeite, galinhas, E capões, os mayores daquela Costa por Costume antigo este Rejno se gouerna por molher que esta **115**—legoas de Malaca, que a tomou, as suas Embarcações se chamão Camudéz, Com mayor bojo que os Nossos Nauios, mas Com menos Comprimento, Com dous mastros, E dous Lemes, tambem trazem galléz E Embarcações pequenas a que Chamão Panhaloes, E Rantiz -

Tambem se uai ao Rejno de Cambaya, aonde temos Igreja dos Padres da Companhia, donde se tira m.^{ta} madeira de Angelim, Beijoim amendoado, Lacre de formiga, aroz, Calambos, Aguila, os moradores deste Rejno São Japões, E chinas, tambem se uai á Costa de Campâ donde se tira melhor E mayor pão preto, que de Mocambique adiante fica o Rejno de Cochinchina donde se tira Aguila, Calambá, E Cobre, defronte está a Ilha de Pulo Combi, onde asistem Padres da Companhia Com grande fructo.—

A Viagem de Páo, he mais facil, porque não são mais que **80**. legoas donde se tira Ouro em pô, e em moeda, pedras Vazares e de porco ezpim, aRoz, E Aguila, defronte está a Ilha de Putolimão, onde ha m.^{ta} Caça de Pombos, e de Palandos que são hũs animais Como Corças.—

O Porto de Jor fica para dentro da ponta de Romanía, aonde se fazem muitas Embarcações tem muitos Mantimentos, Agila e breu, a Cidade de Bintão Está da outra banda daquella Corda bem fortificada, a respeito do Achem E dos Reys de Pao E Jor; tem esta Cidade grande trato, Com Nosco pouco pellos Excéssos do Capitão de Malaca.—

Da outra banda na Costa da Samatra está o porto de Sambê Rio Caudeloso, E arebatado, daqui se tira muita pimenta (Como tambem do Rio Androgi, pouco adiante) Aguila Calambá Ouro, e pedras de porco Ezpim, E Vazares; no porto de Bancalés na Samatra defronte de Malaca, onde todas az Luás hâ hũa feira Com az drogas Referidas E muita Carne de porco, E hũas Ovas de peixe Sauel que chamão trubó.—

O Estreito de Sincapura tem muitos Canaes, E tão estreitos que Em partes tocão as Vergas nas aruores; a agoa he tão Clara que se vem os peixes no fundo, e o Comprão os Nauegantes aos Naturais, a que chamão Salétes, ainda debaicho da agoa; e elles Vão Com molheres E filhos Em Seus balloeus, afisgâlos para ganharem o preço prometido; az Viagens de mais importancia de Malaca, São as da china, donde trazem pimenta, Crauo, nóz E massa; tambem se uai para Mecassâ Ilha—**300**—legoas de Malaca, E se trazem as drogas do Sul; de Malaca a Pera são quarenta legoas, Cujo Rey paga parcas a S. Mag.^{de} tem Este Rejno grandes Minas de Calaim E se tirão dellas todos os Annos seiz mil quintais.—

Dezcripção da Fortaleza do Achem.—

A Fortaleza do Achem Estâ plantada na Costa Setemtrional; ezte Rejno se fundou por hũ dezcendente de ElRej de Pedir no Anno de 1500— hê Rej mui poderozo de muitas Riquezas, e m.^{ta} gente E faz groças armadas, E tem Comquistado muitas terras da Ilha de Samâtra, E outras partes, muitos Reys lhe pagão tributo, E tem Contrato Com Mêca, e Arabia, E guzarate, E ComRespondencia Com Constantinopla, E ficou emgrandecido E poderoso, pello muito dinheiro que tirou, daquelles rezpondentes; o Turco tem hũ Feitor lâ Com hũ conto de Ouro; a terra he Fertil de muitas aruoras de fruitas, e aromaticas, E medicinais; e na Costa tem m.^{to} ambar branco, E outras muitas Ezpeciarias, E muitas minas de ouro, e tam baca; o porto he de grande Trato de muitas Naos de muitas partes.—

Dezcripção das Ilhas de Maluco

Em Ternate Esta fundada hũa Fortaleza Nossa por Ordem de ElRej de Portugal que he de São João, aonde se faz a Carga de Crauo p.^{a} a India E tem Capitão, Com a goarnição de gente e Artelharia Necessaria para Sua defença az Ilhas que tem Crauo he Ternate, Tidôre, E Maquim—Estas, tem muito Crauo; E az outras Ilhas que he Matarâ, Cauale, Eyres Carecem de Crauo, os Cossarios olandezes, fundarão trez fortalezas na mesma Ilha de Tidôre; fundarão hũa Fortaleza na ponta de Marico; e em Tidore temos outra Fortaleza, e a Fortaleza que estâ na ponta de Marico, defronte de Ternate terâ de distancia meya legoa; Em Moutel fizerão os oLandezes outra Fortaleza, mor mente, Em Maquiem, fundarão os oLandezes trez Fortalezas, de sorte que tem os Cossarios oLandezes =**8**= Fortalezas, Com prezidios; E na terra firme Em Gilolo, hâ Crauos grossos; aqui entra a Ilha de Banda, E a Ilha de Aubino, E Solor, e Euduvisor.—

Dezcripção da Ilha de Goa

A Ilha de Goa Esta plantada na Costa Occidental da terra firme, do destrito de Camcam do Ballagate, Em altura de quinze graos E =**40**= menutos, Setemtrional a Ilha tem de Circumferencia =**6**= Legoas; o Citio da Cidade estâ no meyo da Ilha, a terra he fresca, e de muitos arvoredos de fruitos, E Palmeiras, donde os naturaes fazem Vinho branco, de que se fazem muitas Rendas, E produz todo o genero de mantimentos, (e graos) fabricados por aquelles naturais, Canarin, Gançares; E he Regada de boas agoas de fontes, a melhor de Bangani, Com Criação de muitos gados.—

A bârra desta Ilha, da ponta de Nossa Senhora do Cabo, E da Fortaleza da Auguada para dentro meya legoa, Estâ hũ banco de aréa, de fronte do Forte de Gazpar dias, tem o Rio, na boca de Largura, hũa legoa faz para dentro hũa enseada, E logo a estreita (Como se ué) por diante do Caztelo de Farol, Entra o Rio Necur pellas terras de Bardéz, E adiante de Pangi; faz Este Rio dous braços hũ para o Norte, E outro para o Sul, Este vaj athe Santa Cruz, E o outro, faz as Ilhas de Divar, Chorão, E Suâ.—

A barra de Goa a Vélha tem tambem hũ banco que a atrauessa pello meyo, Com seu Canal, Como de Goa a noua, demanda este Canal ao Sul, E o outro ao Oeste.—

a Ilha de Yvâ Estâ Entre Goa E a terra firme, tem pouco menos de hũa Legoa de Comprido, E meya de Largo, tem mil E duzentos moradores, naturais da terra; tem Em si hũa Freguezia por nome Santo Esteuão; outo Centos destes moradores tomarão armas, E são os melhores Soldados daquellas Ilhas.—

A Ilha de Diuar fica defronte de Goa, da banda do Norte (Como se ué) tem hũa legoa de Comprido, E a quarta parte de largo tem quatro mil moradores dous mil, tomarão armas, deuidemce em trez Freguezias,=Espirito Santo, Nossa Senhora da piedade, E São Bertholomeu, Na praya, defronte da terra firme, tem a Fortaleza e passo de Noroá.—

A Ilha das Mangas, Está Entre Diuar, E a terra firme, e a Ilha de Jba he de Senhorio particular, E pequena, habitãona Outenta homens da terra.—

Ao Noroeste da Ilha de Diuar Eztâ a Ilha de Chorão—que terâ Legoa E meya de Comprido, E duas de Roda, terâ Em si; **14** = ou quinze mil almas sinco mil Capazes de tomar armas, os demais, pescadores, Lauradores, e Marinheiros, he esta gente a mais Rica e Luzida de todas estas Ilhas, E se defendem por si Sô, Sem nenhuma fortificação, tem duas Freguezias, Nossa Sr.^{a} da graça E São Hyeronimo, demôra a Costa da Ilha de Goa, Norte Sul, os Ventos que Cursão nella, são terrenhos, Viração, E Noroestes, az Correntes são as mesmas que az da Costa do Norte mas Com menos furia, por estar Cem Legoas de Cambaya.—

As Viagens que se fazem desta Ilha a principal hê para Portugal, donde o ganho he EXcessiuo, poiz no que de Portugal Vay, e no que da India Vem, se ganha mais de Cento por Cento, navegão de Portugal p.^{a} a India, Ouro, prata, Coral, pannos de Lan, de toda a Sorte de Lan, pano de Linho, Esmeraldas, Rubins, perolas, E aljofares grandes, E ainda que eztas trez ultimas Ezpecies, se leuarão da India p.^{a} Portugal, Comtudo Cresceo tanto a Estimação dellas, Entre os Orientais q̃. tem grande Conta Estas fazendas: toda a Couza de Comer, e beber, E algũas peças Coriozas, folhas de espadas pêdras de atafonas, que Vão por Laztro das Naos, papel chapeos, todas Estas fazendas, não pagão direitos na India, E ganhão muito no que Se traz da India, E o que toda a Eurôpa Ezta logrando; o tempo Em que Costumão partir para o Reyno, he Dezembro athe meado Março.—

As Segundas Viagens, São de Goa a Moçambique, que az dâ S. Mag.^{de} por despacho, e Rende Cada hũa dez, E doze mil Xerafins.—aquem S. Mag.^{de} faz merce dellas, az de Mombaça e az mais daquella Costa, São de pouco Lucro, porque az mais Se fazem daz Fortalezas de Dio, Damão, E Chaul.—

As de Goa para Mazcate, E Baçorâ, São de mais Conta, E para o Cinde Com as mercadorias q̃. ficão Referidas, az de Cachá, E Naganâ, não São todos os Annos, a que se faz p.^{a} Dio, he mais para prouer a Fortaleza, do que p.^{a} Comercio.—

Para o Sul se fazem m.^{tas} nauegaçoens, az primeiras, São para a Costa do Canarâ, Com armada, atrazer pimenta, Cairo, Madeira, Mastros, e vergas, E leuão a Roz.—

Ao Cabo de Comorim Vay outra Armada, E traz duas Vezes, no verão Cafila a Cochim, a primeira he a de pimenta, Caixeria, Courama, E Roupas, de São Thomê, Negapatão, E Tatucorim; a Segunda, Vai a ezperar as embarcações da China, Malaca, E Bengala, E a Comboyar algũas Embarcaçoens da Costa de Travancor, e Coulão, e traz de Cochim a Goa, az fazendas do Sul, que São de Bengala, Manilha, China, E Malaca, Vay Esta Armada Em Feuereiro, E Volta Em Mayo;—

A nauegação de Ceilão, se faz Em Setembro para trazerem a Canêlla, que Corre so mente por Conta de ElRej E leuão prouimento para az Fortalezas daquella Ilha; o que trazem, são athe trez mil bares de Canela que são noue Centos quintais, trazem tambem Elefantes, que são de =**7**= athe —**10**= que se Vendem por Conta de S. Mag.^{de} trazem mais Cocos, Cabos de Lanças, E alabardas, imagens de Marfim, pêssas de Cristal esteiras, E chapeos de palha.—

A nauegação q̃. antigamente se fazia para a China, hera a de mayor Cabedal, para Onde nauegão por Via das Manilhas, que he o Caminho que hoje Está aberto, a respeito dos OLandezes, Com fazendas, que São Vinhos, Azeites, Amendoas, EsCrauos farinhas, pimenta, Cordoalha, e Roupas, E joyas de Diamantes; Vão estas embarcações Com grande Risco, E asim jâ não Leuão mais que pedraria, aljofar, E almiscar, por não Carregarem as embarcações para poderem fogir aos oLandezes que az Ezperão no Ezreito de Sincapura; o que trazem hê Tutonegra, metal mais preto q̃. estanho, e Calaim, mais duro Galanga, Louça pâo da china, asucares brancos, Sedas Com m.^{to} ouro, e da manilha trazem asucares, Sopão, que hũ pao de que se faz tintas, Crauo, tartaruga, E ouro, o tempo Em que Se nauega Lá, he de Março athe Mayo, E delá para Goa, Em Dezembro, E Feuereiro.—

A nauegação p.^{a} Maláca, se faz No mesmo tempo que p.^{a} a China, e tambem Em Setembro, já este Comercio tem pouca Conthenuação que Como as drogras principais, que herão Crauo, Noz, pimenta, E massa, az tenhão os Ignimigos Senhoreado Estâ Esta Fortaleza sem nenhũ trato; Sendo huã daz trez Fortalezas da

India, E não Vem hoje delâ mais que algũ Calaim, Crauo E tartaruga; Vem mais todos os Annos a Goa hua Nao pequena de ElRej de Cochim do Estreito de Meca, Com Insenso azeure, E alguns Chamalotes.—

Daz Ilhas de Maldiva, E de Mamale, Vem algũas Embarcações pequenas daz quais dizem que huma Palmeira poem huã Nao â Vela, pello Cazco ser do seu pao Cosido Com o Cairo de seus Cocos, sendo a Carga Cairo, E Cocos; E mantimento Elles mesmos, E a agoa a que os Cocos trazem, os maztros e Vergas as mesmas Palmeiras, E az Vellas da esteira das suas folhas, que chamão ola; trazem tambem Caurim, que he buzio, Com balama, que he peixe Seco, ambar, Tartaruga, Coquilhoz de Maldiua, E ezteiras, o tempo Em que se nauega he emquanto dura o verão.—

O Rey Com que Comfina Esta Ilha, hé o Idalcão, ou Idalxa, Capitão antigo, que foi de ElRej de Bisnagâ, e se lhe leuantou; Com esta parte de terras, de gentio se fez Mouro; e seu Rejno, pella Costa tem 62—Legoas, desde o Rio, de Marábe, ao de Mirzeu, E pello Sertão Se estendera =12= legoas, a junta p.ª se defender, em Vizapor que he a sua Corte, Sincoenta mil Cauâllos; az armas q̃ uzão defenciuas, Estes Soldados, São oz de Európa, az ofenciuas, são arcos e flexas, a paz que tem Com nosco he amigos de amigos, E Enemigos de Enimigos; que elle não goarda, tem sempre em Goa, seu Embaixador, daz fazendas que mete se lhe da Em liberdade, 1500. Xerafins e São ellas Roupas, pedras, Vázáres, Diamantes, e mantimentos, E az que leuão, São as drogas do Sul, E do Rejno, prata, ouro, Coral da China Ceda, Ouro, Louça E páo, mas o que Com mais Instancia procurão, São Cavallos Arabios.—

As armadas que todos os Annos saem são trez a primeira he de Canarâ que Consta de 10 —athe—15—Nauioz —a segunda he a de Norte que Consta de 15 = athé 20 — Nauioz a treceira he a do Cabo de Comorim que Consta de hũa Gallê — e 40 Nauioz de Remo — âlem desta, Sae outra de 15. — athe 20. — Nauioz a q̃. chamão de Aventureiros, porque não Leuão outro fim, mais que andar buzcando paróz Enimigos.—

O Pásso de Norôa Está na Ilha de Diuar defronte da terra firma, hê hũ Caztello Com Sua Artelharia junto delle está hũa pouoação de dez ou doze Vizinhos.—

De Fronte da Fortaleza de Bardez Em hũa ponta que faz a Ilha de Goa Ezta hũ Forte que chamão de Gazpar dias, Capaz de 10 — ou 12 — pêssas de Artelharia para defença da barra.—

Hũ quarto de legoa, deste Forte Estâ a Fortaleza de Pangi, aonde vão os ViceReys, adeitar az armadas fora, por ficar na barra; fabrica do ViceRey Dom Hyeronimo de Azeuedo; ao Redor da Fortaleza estarão.

CORRIGENDA ET ADDENDA

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se
II	17	com que tudo	com tudo
VII	1	3.º	2.º
»	4	4.º	3.º
15	14	Como da tenra;	Como da terra;
26	9	Capitão No cume	Capitão Necume
30	16	noz, mosca,	noz, masca,
37	36	mais Industriosos	mais e Industriosos
46	6	paga parcas	paga pareas

Página V, linhas 22 a 25 — Dos dois exemplares aqui referidos, o primeiro é, cremos, o n.º 50 do *Catalogue des manuscrits espagnols et portugais de la Bibliothèque Nationale,* por Morel-Fatio, Paris, 1881; o segundo, parece-nos ser o 51 do mesmo catálogo.